

Outra "Semeando Novas Histórias" do artista plástico Mauro Vila Real.

Semeando novas histórias

23^ª SEARA

da Canção Gaúcha



25, 26 E 27
de outubro

ACAPESU CARAZINHO

10^ª SEARINHA
da Canção Gaúcha

ASSOCIAÇÃO SEARA DE
ARTE E CULTURA GAÚCHA



PATROCÍNIO



 coqueiros

SEARA DA CANÇÃO GAÚCHA

23ª EDIÇÃO - CARAZINHO/RS



EXPEDIENTE

Coordenação:
Marlon Britto
Odacir da Cruz

Projeto gráfico e diagramação:
Raquel Beatriz Nienow

Redação:
Daniela de Oliveira
Rodolfo Sgorla da Silva

Tiragem: 1.500 unidades
Distribuição: Gratuita

Outubro de 2024



Palavra do PRESIDENTE

Se tivéssemos que resumir a Seara em uma palavra, acredito que todos escolheriam “emoção”. A gente vê a emoção nos olhos dos seareiros mais antigos ao lembrar as primeiras edições. Quem não se emociona quando assiste o vídeo de Rui Biriva e Daniel Torres cantando Santa Helena da Serra e o público vibrando de maneira tão forte?

Emoção foi o que sentimos durante a 21ª Seara, em 2022, quando com muito esforço e apoio de toda a comunidade a Associação Seara de Arte e Cultura Gaúcha conseguiu realizar novamente o festival. E o que falar então do ano passado, quando a Seara voltou aqui para a Acapesu, a sua casa? A nossa querida Seara é um baú de emoções para todos nós, seareiros, para artistas e para todo o público. Certamente teremos mais momentos marcantes nesta 23ª edição.

Quero valorizar a todos que ajudaram a escrever essa história até aqui. Expressar

nossa gratidão aos seareiros de outros tempos e aos de agora. Um festival deste tamanho não se faz sozinho e quero agradecer a participação de todos, seareiros, público, artistas, poder público e patrocinadores. Essa união, que vem desde 1981, faz a Seara ter uma grande importância no cenário artístico. É nosso dever zelar por isso e fazer deste festival cada vez maior.

O desafio de organizar um evento como esse é enorme. Nós, seareiros, nos dedicamos muito ao longo do ano planejando a 23ª Seara visando proporcionar o melhor espetáculo possível para o público. Sou filho de seareiro e como meu saudoso pai estou aqui dando minha contribuição em prol da cultura do nosso Rio Grande. Para mim, não há emoção maior do que essa...

*Que o Patrão do Céu nos abençoe e
Viva a Seara da Canção Gaúcha!*



ASSOCIAÇÃO SEARA DE
ARTE E CULTURA GAÚCHA

Marlon Britto

Presidente da Associação
Seara de Arte e Cultura Gaúcha



TERRA DA HOSPITALIDADE E LOGÍSTICA

Mensagem do PREFEITO



A Seara da Canção é um patrimônio da cultura gaúcha. É um evento que por sua importância projeta nosso município para todo o Rio Grande do Sul e também para fora de nossas fronteiras. Os carazinhenses se orgulham muito da Seara.

Estou muito feliz com a continuidade desse importante festival. Valorizo o trabalho da equipe de Seareiros, pessoas dedicadas que se esforçam diuturnamente para que tudo dê certo, mantendo as tradições riograndenses. Além de repercutir os grandes nomes da música nativista local e do nosso estado e ainda o amor ao Rio Grande.

O Governo Municipal é parceiro da Seara e incentiva a realização do evento, com confiança na comissão organizadora, nos integrantes do grupo da Seara, para que possam fazer – mais uma vez, um grande festival.

Os três dias da última Seara da Canção Gaúcha foram um verdadeiro espetáculo, com um alto nível musical, certamente esse ano, nesta 23ª edição, será ainda maior.

Milton Schmitz

Prefeito de Carazinho



Clube mais **coqueiros**



% Ofertas Exclusivas

☆ Compre e Concorra



CADASTRO GRATUITO

ACESSE O SITE: CLUBEMAISCOQUEIROS.QUEROVANTAGENS.COM

Cartão do **coqueiros**

Descontos Especiais para quem utiliza o Cartão Coqueiros



NÓS APOIAMOS O **ESPORTE**



100% **Futsal Raiz** de Carazinho



coqueiros



Mensagem do PATROCINADOR

Fazemos por Carazinho

Sou suspeito para falar sobre a Seara, afinal todo mundo sabe o quanto gosto do festival. Para nós é um orgulho apoiar um evento da nossa cultura, com um nível musical tão elevado, onde revivo ricas memórias de infância e onde certamente viverei mais momentos marcantes, como no ano passado em que estive junto na entrega de premiações aos vencedores. Foi inesquecível!

Tudo isso me motiva a estar junto neste projeto. Mas o fato do Coqueiros Supermercados patrocinar a Seara pelo terceiro ano consecutivo vai além de meu gosto pessoal. Apoiar a Seara é apoiar nossa cidade. É apoiar a arte, incentivar as pessoas e valorizar o engrandecimento cultural de cada um que assiste um evento como esse. Apoiar a Seara revive em cada um de

nós um senso de comunidade, de união e de pertencimento.

Todos nós somos responsáveis pela cidade em que vivemos e precisamos estar juntos para que aqui surjam e prosperem as boas iniciativas. É nosso direito enquanto pessoa o acesso à cultura. E é nosso dever enquanto cidadão valorizar e incentivar eventos que promovem a arte.

O Coqueiros começou com um pequeno armazém, onde inclusive na época da Seara vários artistas eram nossos clientes, e hoje somos uma rede com quatro lojas em Carazinho e uma em Passo Fundo. Somos gratos demais por nossa história e patrocinar a Seara, assim como a Sercesa e o Pinheiro, é uma forma de valorizar nossa cidade.

Fazemos por gratidão. Fazemos por amor. Fazemos por Carazinho!

coqueiros

Leandro Rheinheimer

Sócio-proprietário do Coqueiros Supermercados

COMISSÃO AVALIADORA



André Teixeira

Cantor e compositor, natural de São Gabriel-RS, André Teixeira atua no segmento da música regional gaúcha há 25 anos e é considerado uma das principais renovações da música do Sul. Possui extensa participação nos festivais nativistas com diversas premiações e é detentor de notável carreira artística. Possui sete álbuns lançados. Titular de um primoroso acervo musical, com temática variada no espectro da cultura regional, sua obra lhe credencia como artista requisitado e festejado no cenário da música nativista, especialmente nos estados do Sul do Brasil. Sintetiza as grandes qualidades de uma voz devotada a interpretar as coisas do campo, do gaúcho, seus usos e costumes. Um talento que concretiza as maiores virtudes da autêntica música regional.

Natural de Carazinho, é violinista, cantor e regente, tendo iniciando sua trajetória musical aos 8 anos. No Tradicionalismo soma mais de 25 anos de dedicação. Já esteve no palco acompanhando intérpretes e grupos musicais de CTG's em eventos como Rodeio de Vacaria, ENART, FECART, FEPART e FETG de São Paulo. Integrou a Orquestras do Estado, participando de diversos trabalhos em gravações, bandas, conjuntos e renomados intérpretes do Sul do país. Acompanhou composições em vários festivais de música nativista, obtendo premiações de destaque ao conjunto de várias composições. Já conquistou prêmios de melhor instrumentista no 8º e 9º Canto Nativo e na categoria local da 20ª Seara da Canção Gaúcha.



Henrique Kalkmann



Jairo Lambari
Fernandes

Cantor e compositor natural de Cacequi-RS. Com mais de 30 anos de carreira, iniciou sua trajetória nos festivais da música regional nativista. Conquistou o Troféu Revelação da Música Regional no Prêmio Açorianos de Música em 2001. Jairo Lambari Fernandes é reconhecido pela mescla de regionalismo e brasilidade em suas composições. Conhecedor da lida campeira, vem retratando em seu trabalho a vida do homem do campo, mas nunca esquecendo o romantismo do homem rural, marca registrada de sua carreira. É autor de sucessos como "Morena", "Por Bendizer-te" e "No Rastro da Gadaria". Suas canções já foram interpretadas e gravadas por grandes nomes da música. Atualmente, está trabalhando em novos projetos e levando sua arte para todos os cantos do Brasil.

Natural de São Luiz Gonzaga-RS, é instrumentista, compositor e arranjador. Começou sua carreira profissional aos 17 anos e é participante ativo de festivais, conquistando premiações na maioria deles. Já atuou nos países do prata. Em 2009, 2010 e 2015, juntamente com Luiz Carlos Borges, participou do maior evento de chamamê da Argentina. Em 2014 foi indicado ao Prêmio Açorianos de Música, na categoria instrumentista. Também atua como professor de gaita ponto. Realiza aulas e oficinas sobre o instrumento, abordando sua origem, precursores e a importância de sua continuidade entre as novas gerações. Possui dois trabalhos solos, chamados “Genuíno” e “Terrunho”, este último lançado recentemente.



Ricardo Comassetto



Rômulo Chaves

Nascido em Palmeira das Missões-RS, é um letrista com participação destacada no meio artístico regional do Rio Grande do Sul. Também já foi participante de diversas coletâneas literárias e já recebeu a Medalha Barbosa Lessa, a maior honoraria do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Tem participação e obras premiadas nos principais festivais nativistas do estado. No Canto Missioneiro, detém por quatro vezes o melhor tema “Missões”, além de ter vencido três edições do festival. Em enquete popular, foi eleito em 2016 o melhor compositor no cenário da música gaúcha. Já foi indicado ao Prêmio Vítor Matheus Teixeira de compositor do ano e ao prêmio Açorianos de música na categoria compositor regional.



ASeara da Canção Gaúcha recebeu neste ano a inscrição de 745 músicas. Um recorde em nossa história! Obrigado a todos os músicos que enviaram suas composições. André Teixeira, Henrique Kalkmann, Jairo Lambari Fernandes, Ricardo Comassetto e Rômulo Chaves

estiveram reunidos no começo de setembro em Carazinho para fazer a triagem e definir as classificadas. Nesses três dias de Seara, enquanto as concorrentes são apresentadas no palco, é deles a missão de analisar e definir as músicas vencedoras.

Apresentadores SEARA DA CANÇÃO GAÚCHA



Daniela de Oliveira

Natural de Passo Fundo-RS, reside em Carazinho há mais de 5 anos. É jornalista e mestre em Letras. Em 20 anos de carreira, trabalhou em veículos de comunicação e em órgãos públicos da sua cidade natal e da região e foi professora visitante da IMED, hoje Atitius Educação. Já apresentou diversos eventos corporativos e culturais, como o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo. Atualmente é servidora pública concursada na Câmara de Vereadores de Carazinho como Jornalista. É Seareira e no ano passado conduziu as entrevistas com os artistas participantes da 22ª Seara da Canção Gaúcha.



Rodolfo S. da Silva

Possui 33 anos, é jornalista e apresenta eventos gaúchos desde a adolescência. Soma mais de 20 anos de dedicação à cultura do RS, tendo integrado CTG's em Esmeralda-RS, sua terra natal, e em Carazinho-RS, onde reside há mais de 11 anos. É Seareiro.

Desde os 20 anos atua profissionalmente em veículos de imprensa e no marketing de grandes empresas. Atualmente trabalha com assessoria de comunicação através de sua empresa, a RS2 Comunicação. Também é apresentador de vídeos e eventos.



10ª SEARINHA

Carolline Würzius Weber e Pedro Rohde Franck novamente serão os apresentadores desta edição da Searinha da Canção Gaúcha. A dupla que apresentou a 8ª Searinha, ocorrida em 2022, e a 9ª Searinha no ano passado, tem grande carinho pela cultura gaúcha e pela Seara da Canção Gaúcha. Caroll é 1ª prenda juvenil do CTG Rincão Serrano, de Carazinho, e Pedro foi o vencedor da 7ª Searinha, interpretando a música Birivas.



Padrinho da Obra de Arte

Participe do LEILÃO SOLIDÁRIO DA SEARA!

Além do Ingresso Solidário, a Seara da Canção Gaúcha realiza outra ação de cidadania. Novamente a obra que ilustra o tema do festival faz parte de um Leilão Solidário. Neste ano, o quadro tem a autoria de Mauro Vila Real e simboliza o tema “Semeando novas histórias”.

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Carazinho.

O Leilão é conduzido pelo Leiloeiro Oficial Gilmar Thume em uma parceria com a GT Leilões. O leilão é online e os lances já podem ser realizados acessando o banner no link do QR Code. Participe!

A obra foi adquirida pela empresa JP Mão de Obras e doada ao festival, que, como forma de contribuir com a comunidade de Carazinho, realiza um Leilão Solidário cujo valor arrecadado será doado para a



www.gtleiloes.com.br





Juntos temos a melhor *conexão!*



Internet com o dobro de velocidade, Wi-fi, suporte 24h,
App de TV com + de 90 canais abertos, + App de
séries e filmes, telefonia fixa, e muito mais...



54 3329-0300

Atendemos: Carazinho, Chapada, Colorado, Não-Me-Toque, Passo Fundo
Sarandi, Santo Antônio do Planalto e Victor Graeff



@searadacancaogaucha

25/10
SEXTA-FEIRA

João Luiz Corrêa

Fase local

- 01 PARA QUEM NÃO SABE QUEM SOU
- 02 QUANDO EU PARTIR
- 03 DE SANTA MARIA A ITARARÉ
- 04 ALMA DE CAMPO

Fase geral

- 01 ALÉM DA CASCA
- 02 ALICERÇO
- 03 ABANDONO
- 04 SANGUE DE TOURO
- 05 ALMA DE ANTES
- 06 ROCEIRO
- 07 MARIA FLOR
- 08 RURAL
- 09 NO SILÊNCIO DE UM ABANDONO
- 10 AVÔ



NATIVISTA | CHAMAMÉ

PARA QUEM NÃO SABE QUEM SOU

LETRA: DARCI VIEIRA

MELODIA: MAURICIO SILVEIRA

INTÉRPRETE: DIEGO MACHADO | ADRIANO POSAI | ALEX HAR

ARRANJADOR: MARCIO CORREIA

DIEGO MACHADO (INTÉRPRETE/GAITA BOTONEIRA)
ADRIANO POSAI (INTÉRPRETE)
ALEX HAR (INTÉRPRETE)
ALISON MACHADO (VIOLÃO 7 CORDAS)
DARCI VIEIRA (RECITADO)
ERNANI DE SOUZA (VIOLÃO BASE)
MAURICIO SILVEIRA (CONTRABAIXO)
RODRIGO RODRIGUES (VIOLÃO SOLO)

Minha família a tempos
Vem produzindo riquezas
Talvez pela sutileza
Da natureza divina
Aqui na pátria sulina
Noutros pagos boeranos
Vivemos miles de anos
Esvoaçando as crinas

Desgarrada das origens
Vivo na região urbana
Entre palácio e choupana
Reduto mercantilista
Talvez esteja na lista
Pra um dia ser despejada
De onde faço morada
No alto bairro Boavista

**É claro não sei ao certo
Como vim parar aqui
Graciosamente cresci
E tenho larga impressão
Que vim parar neste chão
Gaúcho fértil e rico
Transportada pelo bico
Do papagaio charão**

Para muitos sou pinheiro
No batismo araucária
Junto à estação rodoviária
Fica ali meu parador
Meu vizinho é um senhor
Vigiador dos caminhos
Guardião de Carazinho
No ofício de Bombeador

*Me chamo araucária
Até quando eu não sei
Um dia me apartarei
Essa vida é transitória
Mas ficarei na memória
Da gente do meu rincão
E através desta canção
Eternizo minha história*

Oferecimento

Oral Unic
IMPLANTES
CARAZINHO

NATIVISTA | MILONGA

QUANDO EU PARTIR

LETRA: JEFERSON MONTEIRO

MELODIA: JEFERSON MONTEIRO

INTÉRPRETE: LORENZO LAVORATTI

ARRANJADOR: JEFERSON MONTEIRO

LORENZO LAVORATTI (INTÉRPRETE)
JEFERSON MONTEIRO (VIOLÃO)
MARCO VIEIRA (GAIJA BOTONEIRA)
PEDRO KALTACH (VIOLINO)
MATEUS SILVA (CONTRABAJO)
MARCELO LIMA (FLAUTA TRANSVERSAL)
MARCIO COSTA (VIOLÃO)

Vi teu retrato emoldurado sobre a estante
Empoeirado pelo tempo que passou
Já faz dois anos que de ti vivo distante
Sangra minh'alma... esta saudade que restou

Em meio aos traços do teu rosto castigado
Por cada tombo que o destino reservou
Havia sempre um semblante iluminado
Cedendo um riso... ao guri que aqui ficou

**Quero meus braços me perder no teu abraço
Aconchegar-me no teu colo de ternura
Contar de cima, cada estrela, cada astro
No manto negro, poder desenhar a lua**

**Vou preencher todo vazio que em mim ficou
Reinventar o nosso mundo pai, amigo,
Pra nos confins do céu azul que te abrigou,
Seguir pra sempre... junto contigo...**

Como é doído quando o coice vem de dentro
Ferindo a alma qual punhal de duplo fio
Ascendo as brasas da lembrança no meu peito
E até esqueço... que daqui tu já partiu...

Eu te revivo nos meus sonhos todo dia
Em meio aos mates que aprendi sorver sem ti
Revivo os banhos nos açudes de água fria
Até o momento pai... que eu partir

Oferecimento



RUI

SER HUMANO - NOSSA RIQUEZA

NATIVISTA | CHAMAMÉ

DE SANTA MARIA À ITARARÉ

LETRA: WILYAN ARION DE ANHAYA

MELODIA: CHRISTIAN LUIZ ALBARELLO

INTÉRPRETE: RODRIGO CAVALHEIRO

ARRANJADOR: WILYAN ARION DE ANHAYA

RODRIGO CAVALHEIRO (INTÉRPRETE)
WILYAN ARION DE ANHAYA (VOCAL/CAJON)
CHRISTIAN LUIZ ALBARELLO (VOCAL/CONTRABAIXO)
SOLEMAR DUTRA FERREIRA JÚNIOR (VOCAL/VIOLÃO)
WILLIAM ANDRADE (VOCAL/VIOLÃO)
AMANDA THOME LEMOS (VOCAL/GAITA)

Novos caminhos de esperança
Foram traçados na imensidão
Eternizando memórias da sina de um
povo
Nos longínquos tempos da revolução

Estrada de ferro que trouxe heranças
E deixou riquezas por onde passou
Este povoado que perpetuou
distâncias
Sobre os dormentes se aconchegou

**E onde um dia os tropeiros
cruzaram levando muares
Em seus rastros de casco
surgiram a inspiração**

**De Santa Maria a Itararé
Forjaram-se histórias por este
chão
Criando legados de muita fé
Por onde nasceram vertentes da
nossa tradição**

**De Santa Maria à Itararé
Unindo culturas de mão em mão
Nosso Senhor Bom Jesus do
Iguapé
Abençoou com estes trilhos o
nosso rincão**

Onde o Caapi se fez no passado
E formou povoado desta redução
O pasto que outrora comitivas
cortaram
Deu lugar as vias da evolução

Oferecimento

**BRUNO
BERTÉ**

GALPONEIRA | MILONGA

ALMA DE CAMPO

Alma de campo

LETRA: GUILHERME SJLENDER

MELODIA: GUILHERME SJLENDER | JONAS GLOECKNER PEREIRA

INTÉRPRETE: GUILHERME SJLENDER | JONAS GLOECKNER PEREIRA
DIEGO OLIVEIRA | VALDIR PANAZOLLO MORAES

ARRANJADOR: GUILHERME SJLENDER

GUILHERME SJLENDER (INTÉRPRETE/GUITARRON)
JONAS GLOECKNER PEREIRA (INTÉRPRETE/VIOLÃO)
DIEGO OLIVEIRA (INTÉRPRETE/VIOLÃO)
VALDIR PANAZOLLO MORAES (INTÉRPRETE/BAIXO)
FELIPE ABELLO DE PÁDUA RITTA (DECLAMADOR)
GABRIEL MARI MAFALDA (VIOLÃO)
VINÍCIUS BIANCHINI (ACORDEON)

Pelos pampas do meu pago
Um ser forte à vagar
Com olhar que desafia
O horizonte a desbravar
Vem do sul a resistência
No suor do meu rincão
É a força que sustenta
O meu viver nesse chão

Nas manhãs de primavera
Seu brado ecoa ao vento
É o parceiro de alma sincera
Que enfrenta o tempo lento
Na cacimba, imponente
Vai beber da vida em gotas
Seu reflexo, forte e bravo,
Em calmas águas se mostra

**Nas trilhas do meu destino
Vai seguindo o seu compasso
Com coragem, destemido
Sempre firme no espaço
Na poeira da jornada
Segue fiel e incansável
E no campo da esperança
guardião mais confiável**

*E assim, quando o sol se esconde
Num crepúsculo sem fim
Vejo a sombra desse amigo
Que galopa junto a mim
Seu espírito livre e forte
É legado e é raiz
Cavalo crioulo é vida
Do gaúcho, cicatriz*

Na lida dura do campo
Seu valor é inquestionável
Com o peão, enfrenta a vida
Num silêncio admirável
Com bravura e o seu talento
É um símbolo de paz
Sua força é uma herança
Que no campo se faz

Oferecimento



ULBRA
CARAZINHO

CONTEMPORÂNEA | MILONGA

ALÉM DA CASCA

LETRA: EDUARDO MUÑOZ

MELODIA: CÍCERO CAMARGO

INTÉRPRETE: MARCELO OLIVEIRA

ARRANJADOR: CÍCERO CAMARGO / GUSTAVO OTESBELGUE

MARCELO OLIVEIRA (INTÉRPRETE)
GUSTAVO OTESBELGUE (VIOLÃO)
CÍCERO CAMARGO (VIOLÃO)
JÚNIOR PEREIRA (VIOLÃO)
CARLOS DE CÉSARO (BAIXO)
PEDRO KALTIBACH (VIOLINO)
TIAGO RIBAS (VIOLINO)

A casca é de tiro curto,
Sempre nos deixa de a pé
E pouco sabe de essência
Parece mais do que é...
Por ela a dança do fogo
Empeça bem mais depressa,
Chama que salta calando
Mas logo adiante tropeça...

Não existe sanga rasa
Aqui da alma pra dentro...
O poncho que oferta asas
É o mesmo ataca o vento...
Pra retratar um pedaço
Dos mundos que ele separa
O Campomar foi criado
Com duas cores e caras...

**O canto é aquilo que somos
Também onde estamos indo...
Às vezes, sombra copada
Por outras, folhas caindo...
Feito a casca, tem recados,
Juras de amor incontido...
Pra quem vem depois de nós
Querer parar o ouvido...**

Não é tão simples de ver
O que vive além da casca
Tem cismas de proteção
Mas na verdade disfarça...
Sabe medir as palavras
Com a régua que faz de nós
Jamais é de ponta firme
Quando faz uso da voz...

Se por acaso se solta
Até o tronco adelgaça
E a casca repete a sina
Em cortinas de fumaça...
Quando a coisa fica feia
É o cerne que pede vaza:
- Chuva grande se apequena
Pra fogo pleno de brasas!

Oferecimento

Dipesul

Sua casa **Volvo** no RS

NATIVISTA | CHAMARRA
ALICERÇO

LETRA: RAFAEL MIRANDA MACHADO

MELODIA: VITOR AMORIM

INTÉRPRETE: QUARTETO CORAÇÃO DE POTRO

ARRANJADOR: COLETIVO

VITOR AMORIM (VOCAL/VIOLÃO)
KIKO GOULART (VOCAL/VIOLÃO)
MAICON OLIVEIRA (VOCAL/GUITARRON)
PATRICK ANTUNES (VOCAL/VIOLÃO)
GABRIEL MACULAN (BANDONION)

*Apavora, é impressionante
ver como as coisas e causas
se modificam bastante
depois da gente erguer casa!*

Juro, se'eu tivesse sido
avisado anteriormente...
Que tempos já tinha erguido
essa morada pra gente!
Já tinha te convencido
erguermos essa pra gente!

Setenta metros quadrados
de móvel, loja e carinho,
banheiro azulejado,
sala, cozinha, um quarto.
Às vez parece apertado
(só assim ficamos pertinho),
às vez sonhando acordado,
às vez fazendo o caminho.

**Manhã ou depois, as criança!
Mais dia ou menos, crescidas!
E a morada ora imensa,
ora amiúda – encolhida.**

Talvez mudemos de casa,
talvez até de rincão...
Nosso amor nos prendeu asas
nunca nos prendeu no chão.
Nosso amor nos prendeu asas...
Asas nos tiram do chão!

Quem nos mantém abrigados
dos invernos e mormaços,
das pragas e mau-olhados,
de tudo quanto é percalço
não é – meu bem – um telhado
que o vento parte em pedaços...

**Mas essa base, alicerço
por sobre o qual nosso amor
fora erguido do começo
pra sempre e por onde for.**

Oferecimento



NATIVISTA | MILONGA
ABANDONO

LETRA: OTAVIO LISBOA
MELODIA: JARI TERRES
INTÉRPRETE: JARI TERRES

JARI TERRES (INTÉRPRETE)
MATHEUS KRUMMENAUER (VIOLÃO)
MANOEL JOSÉ DE SOUZA (BAIXO)
LUCAS FERREIRA (GAITA)
JEAN CARLO GODOY (VIOLÃO)

Verso em quadra mal escrito,
Pedaço de rima torta...
Melodia pelo meio
Desencontrada das notas:
O primeiro morreu quieto
(Poeta que perde a mão),
E a segunda ainda chora
Nalgum braço de violão.

Roseta de espora braba
Bem longe do próprio ofício,
Abandonada no pasto
Já não conhece o serviço.
Sina igual a do meu poncho
- fio de lã que se desfez -
Era cortador de geadas...
Nem lembro a última vez!

**Quem fica, pouco argumenta,
é cusco preso nas 'casa'...
Fogo bueno pra um assado
que morre sem fazer brasa!
Quem parte nem sente a culpa,
Tampouco vive o lamento...
É chuva apagando rastro
Que se vai embora com o vento!**

Quadra de arame caída
logo depois do banhado...
Passam 'tiflando uma copla'
sem tempo pro abandonado!
Mesma vida leva a rédea
partida num tombo feio,
que o abandono conserva
bem pra longe dos arreios.

E vão minguando, solitas,
sombas que o campo renega...
Acenos tão prometidos
que a cancela nunca entrega!
Verso em quadra mal escrito,
sem coração e sem dono:
me despeço - última linha -
te entregando ao abandono.

Oferecimento

 **SICOOB**
Creditaipu

GALPONEIRA | MILONGA
SANGUE DE TOURO

LETRA: LEONARDO BORGES

MELODIA: QUINTO OLIVEIRA

INTÉRPRETE: FABIANO BACCHIERI

ARRANJADOR: QUINTO OLIVEIRA

FABIANO BACCHIERI (INTÉRPRETE)
QUINTO OLIVEIRA (VIOLÃO SOLO)
JOÃO GABRIEL ROSA (VIOLÃO SOLO)
TIAGO CAMARGO (CORDEONA)
JULIANO GOMES (BAIXO)
NEGRINHO MARTINS (GUITARRON)

Não chegou a ser cavalo
Não cheguei a ser campeiro;
Meu sonho de peão povoeiro
Nunca pode ser domado...

Tinha uma estrela na testa
Meu potrilho colorado
Feito um sinuelo de pampa
Pra quem anda desgarrado

Musiquero, era o seu nome
Dado a minha perdição...
– Nunca deixei pra depois
O que me acalma o coração

Muito andei, juntando garras
Compondo cueros y penas,
Pra entregar ao meu cavalo
Algo a mais, que cantilenas

Cambiei milongas por prata
E aperos de fina trama,
Imaginei noites largas
Carregando lindas damas

**Retrocedi ao meu tempo
Buscando a forma do arreio,
E até com o ferro mais doce
Mandei forjar um bom freio!**

**Mas de nada me serviu
O rumo, ficou no meio...**

**Não chegou a ser cavalo,
... E eu tão pouco fui campeiro!**

Soltei meu sangue de toro
No pajonal mais viçoso,
Em meio ao trevo nativo
E o quero-quero garboso

Me imaginando montado,
Pelos apartes me via,
Enquanto meu potrilhinho
Com a liberdade crescia

Em noites de temporal
Rezava pra São Francisco
Que desviasse meu pingo
Do laçoço dos curiscos

De coração apertado
Cruzei por um mês de Agosto
Esperando que e as geadas
Ficassem no pêlo grosso

Mas quando veio a florada
Prenunciando o puro mel,
Um enxame abarbarado
Levou meu potrilho ao céu

*Nunca mais quis ter cavalo,
Esqueci de ser campeiro
Hoje canto as solitudes
Da vida de peão povoeiro*

Oferecimento



NATIVISTA | MILONGA
ALMA DE ANTES

LETRA: **GUJO TEIXEIRA**

MELODIA: **ROBLEDO MARTINS**

INTÉRPRETE: **ROBLEDO MARTINS | RICARDO BERGHA | MATEUS PIMENTEL**

ARRANJADOR: **ÉVERSON MARÉ**

ROBLEDO MARTINS (INTÉRPRETE)
RICARDO BERGHA (INTÉRPRETE)
MATEUS PIMENTEL (INTÉRPRETE)
ÉVERSON MARÉ (VIOLÃO)
MARCELINHO CARVALHO (VIOLÃO)
CÍCERO CAMARGO (GUITARRON)

Hoje quero um mate e um rádio de pilha
milongueando versos, lá de onde eu vim
contando o meu pago com a alma
gaúcha
que o Zé Claudio, um dia, cantou só pra
mim...

Quero que as palavras, de um livro do
Rillo
saia dos guardados pelo rio dos versos
e encante os olhos de um guri povoeiro
que conhece pouco, do seu universo...

Quero que o silêncio das tardes de maio
me leve de volta pra algum tempo moço
e eu prove a ternura da vida e do campo
que o Tocaio tinha, em sua alma de
poço...

**Quero ouvir meu pago, num palco
povoeiro
Sonoras milongas, que andam
distantes.
Que tragam esperança de algum verso
novo
com a voz destes tempos, e a alma de
antes.**

Quero que as pajadas, todas que ouvi
um dia se espalhem, muito além dos
planos
com a força do campo, incontida nelas
renascendo a alma de Jayme Caetano.

Quero que o canto de outro Passarinho
me acalente a alma, me cale outra vez...
Pra lembrar um pouco o guri que fui
vestido as pilchas, que minha mãe fez.

Quero ouvir Noel, cantando Aureliano
encilhando um zaino, querendo partir...
E na voz serena de algum rio da infância
navegue meus sonhos junto ao Cenair.

Oferecimento



NATIVISTA | MILONGA

ROCEIRO

LETRA: **MATHEUS BAUER**

MELODIA: **JOCA MARTINS**

INTÉRPRETE: **JOCA MARTINS**

ARRANJADOR: **COLETIVO**

JOCA MARTINS (INTÉRPRETE)
YURI MENEZES (VIOLÃO)
FELIPE GOULART (VIOLÃO)
JÓÃO PAULO DECKER (BANDONEÓN)
CARLOS DE CÁSARO (BAIXO)

Roceiros são atos potros
fazendo, em mim, moradia,
são aporreados, renegam
o freio da calma.
Encerro eles no campo
mais escondido da alma,
mas há momentos que cruzam
as cercas da minha calma!

Quando me atiram palavras,
quando me faltam respeito,
eu trago um ato roceiro
que sai do fundo do peito!
Pois a palavra atirada,
guarda sempre uma resposta...
Quem fala o que bem entende,
nunca ouve só o que gosta!

**Sempre se troca uma trama,
ou um moirão apodrece,
há sempre uma parte errada
que a gente, às vezes, esquece...
Os anos dão a experiência
(pra o feitio de alambrador)
e o que amor não ensina,
a gente aprende com a dor!**

Roceiro é o verso que fala
não só do que me engrandece,
mas de que errando se aprende
e só caindo se cresce!
Roceiro é o que silencia
as vozes do coração...
São atos sempre impensados,
que tiram minha razão!

Talvez um dia eu aprenda
a governar as divisas
e a soffrenar meus impulsos
que o tempo relativiza.
A estrada me ensina tanto,
quanto “inda” vou compreender...
Tenho muito o que alambrar
as cercas do meu viver!

Oferecimento



NATIVISTA | MILONGA

MARIA FLOR

Maria Flor

LETRA: JOSÉ MAURÍCIO RIGON

MELODIA: ODAIR TEIXEIRA

INTÉRPRETE: PIRISCA GRECCO

ARRANJADOR: ODAIR TEIXEIRA | LUCAS GROSS

PIRISCA GRECCO (INTÉRPRETE)
JOSÉ MAURÍCIO RIGON (RECHITADO)
LUCAS GROSS (VOCAL/VIOLÃO)
DANER MARINHO (VOCAL/GUITARRON)
GABRIEL JARDIM (VOCAL/VIOLÃO)
MAURO SILVA (VOCAL/CORDEONA)
APARÍCIO MAIDANA (CONTRABAIXO)
CHARLISE BANDEIRA (FLAUTA)

Flor Maria te deixei
Na outra lua minguante,
Trouxe comigo saudade,
Que a dias toco por diante.

Maria Flor nem te conto,
Tanta coisa que passei:
Rodou um potro tordilho,
Por pouco, não me pisei!

Flor Maria lá na estância,
Na “folhinha” ali do quadro,
Eu tava riscando os dia,
Pra volta pro teu costado.

Maria Flor fiz um verso,
Galopeando um redomão,
Depois que vendeu ‘mias’ garra,
Fiz outro verso no chão.

*Me pegou desprevenido
Corcoveando pro lajeado
La putcha esse caborteiro
Nunca esteve apaixonado*

Maria Flor esses dias
Se “bolho” um bragado mouro,
Chamei teu nome mais forte,
Do que um grito de socorro.

Maria Flor eu logo chego
Pra te contar direitinho,
Toda saudade que tenho
De te abraçar com carinho.

Oferecimento

Clube
mais 
coqueiros

GALPONEIRA | CHAMARRA
RURAL

LETRA: ANOMAR DANUBIO VIEIRA

MELODIA: MARCELO OLIVEIRA

INTÉRPRETE: MARCELO OLIVEIRA

ARRANJADOR: COLETIVO

MARCELO OLIVEIRA (INTÉRPRETE)
CRISTIAN CAMARGO (PANDEIRO)
TIAGO CAMARGO (CORDEONA BOTONEIRA)
JULIANO LEMOS (VIOLÃO)
JOÃO GABRIEL (VIOLÃO)
NEGRINHO MARTINS (BAIXO)

Antes do galo cantar
Eu pego e canto primeiro,
No puro instinto campeiro
Que me ensinou a madruguar,
Cama não é pra morar
Já diz um velho ditado,
Quanto mais tempo acordado
Mais tempo pra aproveitar.

Sou dono do meu destino
Patrão dos meus afazeres,
Dos direitos e deveres
Sei os pesos na balança,
Quem espera sempre alcança,
(Se houver trabalho no meio),
Quem se espicha no floreio
Perde o compasso da dança

**Planto “chácra”, cuido o gado,
Nesta vivência rural
Sou produtor, bem ou mal,
Pequeno, porém valente,
Salvei vaca nas enchentes
Coriei em tempo de seca,
E luto pra que não se perca
A tradição da minha gente!**

Aqui num garrão de Pátria
Tenho uma nesga de campo,
“Entonces” cedo levanto
Para atender ao manejo,
Não me acalambra o forcejo,
Alambro, toso, tropeio
E em riba dos meus arreios
Eu ganho aquilo que almejo.

Domo de rédea e enfreno,
Faço cavalo pra os outros
Por voltas me toca um potro
Para sentar minha marca,
Quando em vez numa fuzarca
Bailando ao som da cordeona,
Nos braços da minha dona
Me sinto quase um monarca.

Minha renda é curta, mas basta,
E é meu o pingo que encilho,
Pra dar estudo pra um filho
Vale qualquer sacrifício,
Se um dia gasto com os “vício”,
(Num domingo ensolarado),
Noutro trabalho dobrado
Pra garantir o município.

Oferecimento

PRB

PAPELARIA RIO BRANCO

GALPONEIRA | CHAMAMÉ

NO SILÊNCIO DE UM ABANDONO

LETRA: JOSÉ MAURÍCIO RIGON

MELODIA: EDUARDO VERDI

INTÉRPRETE: EDUARDO VERDI & QUARTETO CORAÇÃO DE POTRO

ARRANJADORES: GABRIEL MACULAN | EDUARDO VERDI

EDUARDO VERDI (INTÉRPRETE/CORDEONA)
VITOR AMORIM (INTÉRPRETE/VIOLÃO)
MAICON OLIVEIRA (VOCAL/GUITARRON)
PATRICK ANTUNES (VOCAL/VIOLÃO)
GABRIEL MACULAN (BANDONEON)
KIRO GOULART (VIOLÃO)

Quando te embalo
Cordeonita nos meus braços,
Recuerdo amores, mormaços...
Que pairavam madrugadas.
Tantas cantigas cordeonita,
Minha mão te fez bendita;
Clareando noites enserenadas.

Ah! Se eu pudesse
Colheria a flor do fole
E o beija-flor que console,
O choro das três hilheras;
E no cabelo da morena,
Descansava a flor pequena,
Das bailantas chamameceras.

Velha cordeona
Vive em ti muitos amores,
Feiticeiros, beija-flores
Maestros deste bailado;
Que fez um índio caborteiro,
Se enredar neste entrevero
De corpo e alma, apaixonado.

Hoje te vejo
Com remendos pelo fole,
Já não há quem te console,
Perdeu o timbre, e o entono.
E pelas alça pendurada,
Três hilhera empoeirada,
No silêncio de um abandono.

Oferecimento



engenharia
energia solar

AVÔ

LETRA: RAFAEL MIRANDA MACHADO

MELODIA: RAFAEL PUERTA | ARTHUR BOSCATO

INTÉRPRETE: RAFAEL PUERTA | RICARDO BERGHA

ARRANJADOR: COLETIVO

RAFAEL PUERTA (INTÉRPRETE/VIOLÃO)
RICARDO BERGHA (INTÉRPRETE/GUITARRON)
MILAGROS CALIVA (BANDONEON)
MAYKELL PAIVA (VIOLÃO SOLO)
MARLUS PEREIRA (CONTRABAIXO)

Não raro enxergo meu vô
quando me olho no espelho,
abotoando a camisa,
cruzando a mão no cabelo
ou mesmo apertando a faxa
por sobre o cós da bombacha
dobrada abaixo do joelho...

Não raro escuto meu vô
rindo na minha risada,
silvando em meu assobio
de notas desencontradas...
tuc tuc casa adentro
igual a'um tambor batendo
em vez dos pés, das pisadas.

Tenho mais tempo escrevendo
que sem escrever - na vida -
inda assim pro meu avô
eu não tinha escrito ainda.
Acho-achei, até outro dia,
que nenhum verso estaria
a sua altura e medida.

*E como estar se o mantinha
suspendido nessa espécie
de pedestal, até que
o descesse e conseguisse
vê-lo gente, vê-lo homem
que erra, acerta, tem fome
feito todo ser que nasce.*

Ouvi que meu vô Amado
foi homem de muita posse;
terras que tenían pressa,
foram antes que eu chegasse...
ou nas patas de algum pingo
ou nas causas de um partido...
- Digo se terra esperasse!

O que, então, eu faria
herdando quadras e quadras,
se é raro que mãos poetas
rimem com cabo de enxada?
À caneta planto histórias
todas fruto de memórias
quantas pelo avô regadas!

Numas faz frio, há ruído
de rádio, fogo e chaleira
e'um neto'a dormir nos braços
do avô junto à lareira.
Mais o tempo anda-caminha
e mais o guri se aninha
por maior a barulheira.

Notras o avô desencilha
todo maio'o mesmo enredo
traz um embrulho consigo
esconde a mão, faz segredo...
uma lembrança modesta
pro aniversário sem festa
da criança sem brinquedo.

*Sorte-azar o tempo passa
- assusta sua indiferença -
menos assim percebemos
que algumas semelhanças
não moram dentro do espelho,
não são vestes ou cabelos
nem meras coincidências.*

Meu humor, mi'a teimosia,
mi'a rigidez contumaz
sei de onde vêm e vêm
de umas gerações atrás.
Se a gente não pensa um tanto
acaba é se condenando
a 'arremedo e nada mais.

O passado de meu vô
compõe, se for ver, o meu,
o seu futuro - entre outros -
quem pode escrever sou eu...
num verso de redondilha,
no que vou contar à filha
que ainda não nasceu.

Não canto pra'achar culpado
que não eu e meus impasses
e os medos que me maneiam,
me obrigam usar disfarces.
Canto pra entender o homem
que sou, que tem sede'e fome
feito todo ser que nasce.

Oferecimento



Gourmet



@searadacancaogaucha



26/10
SÁBADO

Os Fagundes

Fase local

- 05 AINDA BEM QUE
EU CANTEI PRA TI
- 06 CADERNINHO
- 07 TARCA PRIMITIVA
- 08 CRIA DA SEARA

Fase geral

- 11 O MUNDO
- 12 CANTO GERAL
- 13 AUTOR DESCONHECIDO
- 14 PECADOR
- 15 ARRIBADOR
- 16 CAMINITO DE CAMPO
- 17 O MAR DO INTERIOR
- 18 DESENCANTO
- 19 QUATRO ELEMENTOS
- 20 EU SEMPRE
VIVI SOZINHO



NATIVISTA | CANÇÃO

AINDA BEM QUE EU CANTEI PRA TI

LETRA: NERI ALDOIR NEITZKE

MELODIA: NERI ALDOIR NEITZKE

INTÉRPRETE: ANDERSON HEBERT

ARRANJADOR: NERI ALDOIR NEITZKE

ANDERSON HEBERT (INTÉRPRETE)
NERI ALDOIR NEITZKE (GAITA)
GUSTAVO NERI BATISTA NEITZKE (GAITA)
VALDIR PANAZOLLO MORAES (VOCAL/VIOLÃO)
MATEUS DOS SANTOS DA SILVA (VOCAL/VIOLÃO)
ANDREI DE OLIVEIRA DA SILVA (VOCAL/VIOLÃO)
YURI BRIZOLA DA SILVA (BATERIA)
DANIEL SANTOS DE SOUZA (CONTRABAIXO)

Meu pai, quanta coisa eu aprendi contigo
Mas o melhor é que fui seu amigo
E isso ninguém vai tirar de mim
Meu pai, te sinto aqui dentro do peito
Mas agora não tem mais jeito
Vou ter que acostumar a matear sem ti
Quero ir de novo cantar lá em Vacaria
No rodeio que a gente sempre ia
E muitas emoções lá vivia

Meu pai, ainda bem que eu cantei pra ti
Quando tu ainda estava aqui
E quando eu era apenas um guri
Meu pai, fica tranquilo, vou zelar o teu galpão
Levar adiante a tua tradição e cuidarei
De minha mãe e dos meus irmãos

Meu Deus, me permita ser como ele era
Te agradeço pelas poucas primaveras
Que foi a estação que ele me deixou
Meu canto seguirá ecoando por aqui
Nesta canção, sei que podes me ouvir
E te agradeço por tudo o que eu vivi
Eu sei o senhor vai cuidar quando eu cair
E no dia em que eu chegar aí
Do teu lado nunca mais eu vou sair

Oferecimento



Schilistão
CONTROLE DE PRAGAS

GALPONEIRA | CONTRAPASSO

CADERNINHO

LETRA: JEFERSON MONTEIRO

MELODIA: JEFERSON MONTEIRO

INTÉRPRETE: JEFERSON MONTEIRO | HENRIQUE FERNANDES

ARRANJADOR: JEFERSON MONTEIRO

JEFERSON MONTEIRO (INTÉRPRETE)
HENRIQUE FERNANDES (INTÉRPRETE)
CHRISTIAN ALBARELLO (CONTRABAIXO)
RODRIGO RODRIGUES (VIOLÃO 7 CORDAS)
TIAGO BICUDO (PANDEIRO)
MARCIO VIEIRA (GAITA)
MARCIO COSTA (VIOLÃO)

Me fui pra um baile, desses de dançar trameado
Bombachão arremendado, bem na volta dos
fundilho
Lenço vermelho, que tem a ponta franjada
"Prefumado" das estradas, por trompar com
algum zurrilho

Passei no rancho do compadre Baltazar
Que era louco de atar, mas gostava dum
surungo
E já de pronto, meteu cobre na algibeira
Amarrou bem a porteira, e montou no seu
matungo

Lá pelas tanta "escuitemo" a gritaria
Pessoal se "adevertia", num trancão bem
galponeiro
Chico miúdo, empurrava a botoneira
Zé na guitarra campeira, o Gervazio no pandeiro

Se "debrucemo" numa ponta do balcão
"Pedimo" um trago dos "bão", desses de
esquenta as "oreia"
De revesgueio, já mirei uma Polaca
Pior que taio de faca, pensa numa coisa feia

Eu mal pisquei, o compadre se grudou
Acho que se apaixonou, tava de rosto colado
O bolicheiro, veio com uma prosa estranha
Disse é 50 a canha, e os carinho é separado

Uma Morocha sussurrou nos meus "zuvido"
Sei que tu não é bandido, mas roubou meu
coração
Me paga uns trago, que te faço ver estrelas
Se tiver 100 na algibeira, te chamo até de paixão

Foi num repente que o baile então parou
De vereda alguém gritou, ataca, pega ladrão
O desgraçado me levou o caderninho
Com o FIADO dos carinho, que fizeram em
prestação

Atrás do palco começou uma fumaceira
Dois, três banco e umas cadeira, que botaram
pra queimar
E lá no meio tava o tal do caderninho
Incendiando de mansinho, impossível de apagar

"Sartei" calando, toquei de volta pras casa
O baile acabou em brasa, me perdi do
companheiro
Vi que o matungo já não tava mais ali
Mais covarde que um guri, se assustou do
entreveiro

De manhã cedo, deu no rádio a notícia
Louco foge da polícia, antes de ela chegar
Se gratifica, quem tiver informação
Do paradeiro do fujão, que se chama BALTAZAR

Se alguém souber, onde anda meu compadre
Peço que não faça alarde, e me conte bem
baixinho
Assim prometo, não precisa mais ter medo
Tá seguro teu segredo... te livre do caderninho.

Oferecimento



CRESOL

NATIVISTA | MILONGA
TARCA PRIMITIVA

LETRA: ALISON MACHADO | DARCI VIEIRA

MELODIA: MAURICIO SILVEIRA

INTÉRPRETE: ADRIANO POSAI | ALEX HAR | DIEGO MACHADO

ARRANJADOR: MÁRCIO CORREIA

ADRIANO POSAI (INTÉRPRETE)
ALEX HAR (INTÉRPRETE)
DIEGO MACHADO (INTÉRPRETE/GAITA BOTONEIRA)
ALISON MACHADO (GUITARRON)
DARCI VIEIRA (RECITADO)
ERNANI DE SOUZA (VIOLÃO BASE)
MAURICIO SILVEIRA (CONTRABAIXO)
MAYKELL PAIVA (VIOLÃO SOLO)

Palanque de coronilha
Povoador destas trilhas
No rumo das vacarias.
Um novo pago nascia
Com os padres e tropeiros,
Coronéis e estancieiros
Que viviam entrelaçados.

Onde fora enterrado
No cofre bruto do chão
Relíquias da religião
E do evangelho pregado.
E a casco de mula e gado
O rincão se fez querência.
Legendária referência
Do meu Carazinho amado.

Nas chegadas e partidas
Dos vagões seguindo os trilhos
Levando e trazendo brilho
Aos olhos de nossa gente.
A primitiva semente,
Como marca registrada,
Garboso à beira da estrada
O empenachado pinheiro.

Marco vivo pioneiro
Referenciando o caminho
Vertente de Carazinho
Olfateado por birivas.
A tua história está viva
Como mestre patriarca
Retalhadito de marcas
Velha tarca primitiva.

**Hoje canto os teus segredos
Com Carazinho irmanado.
Tua história teu legado
Carrego dentro do peito
Reconhecendo teus feitos
Velho pinheiro marcado.**

*Rude caudilho pampeano,
Os jesuítas te rodaram
E ao teu pé enterraram
Alfaías, mimos e adereços.
Assinalando o começo
De uma história sem fim.
Região do cara-mirim,
Pinheiro, o teu passado
Está vivo enraizado,
Plantado dentro de mim.*

Oferecimento
BAOBÁ

Clínica de Estimulação Precoce
e Problemas do Desenvolvimento

NATIVISTA | CANÇÃO
CRIA DA SEARA

LETRA: ZÉU FERRETTI

MELODIA: ZÉU FERRETTI

INTÉRPRETE: ZÉU FERRETTI

ARRANJADOR: ZÉU FERRETTI

ZÉU FERRETTI (INTÉRPRETE)
DANIEL SOUZA (BAIXO)
SOLEMAR FERREIRA (VIOLÃO BASE)
RICARDO RAMOS (GAITA BOTONEIRA)
VANDERSON LIMA (VIOLÃO SOLO)

O guri cresceu ouvindo
As canções com seu avô,
E aprendeu com o Passarinho
O gosto por ser cantor.

Então passou a meninice,
Acompanhado do velhito
E assim como o dia nasce e morre,
O tempo se escorre, findando mais
um ciclo
Ficaram as velhas alpargatas,
E uma saudade que não se compara
A gaita no canto da sala,
Junto com os discos da Seara.

Seara...

**Brota no peito em versos rimados,
Cresce na alma o sonho e legado
Poesias que o avô me deixou de
regalo
Cantando eu sinto você do meu
lado.**

**No eco da gaita que ficou na sala,
Velha botoneira parece que fala,
Resgatando uma memória rara
Lembrando que eu sou cria da
Seara.**

E entre os discos na vitrola
Empoeirada que ficou,
Havia ainda uma carta,
Com a letra do meu vô.

E em cada palavra uma lágrima
Envolvia a narrativa,
Falando sobre Rui Biriva,
E a importância da música nativa
Em cada frase enaltecia
A cultura do Rio Grande,
Citava tantos nomes
E ao final assinava: Odilo Gomes.

Oferecimento

Geral
Materiais de Construção

TCHÊ, LEMBROU DO INGRESSO SOLIDÁRIO?

A Seara da Canção Gaúcha é um evento da comunidade de Carazinho, por isso, não tem cobrança de ingresso. Mas para lembrarmos que é importante pensar no próximo e exercermos nossa cidadania, existe o Ingresso Solidário. Basta doar 1kg de alimento não-perecível por noite para assistir todas as atrações da 23ª Seara da Canção Gaúcha.

E aqui fica nosso convite para você estar com a gente em todas as noites da Seara trazendo a sua doação de alimento. Assim você assiste as músicas concorrentes no festival, os shows e contribui com quem precisa. “A Seara mobiliza toda a nossa comunidade, que de fato ama o festival. Queremos unir todos que apreciam a Seara numa corrente do bem para a doação de alimentos”, destaca Marlon Britto, presidente da Associação Seara de Arte e Cultura Gaúcha.

O Ingresso Solidário teve início na 21ª Seara, quando o festival foi retomado. Desde então vem se consolidando como uma tradição do festival, tanto que no ano

passado somou 3 toneladas de alimentos arrecadados e encaminhados para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.

“A Seara mobiliza toda a nossa comunidade, que de fato ama o festival. Queremos unir todos que apreciam a Seara numa corrente do bem para a doação de alimentos”
Marlon Britto

- O número do ano passado é bastante significativo e mostra o quanto o público da Seara pensa no próximo. E aqui lançamos o desafio, para você e todos nós, de nesta Seara superarmos esse número de 3 toneladas em doações e juntos fazermos uma ação de solidariedade ainda maior – convida Britto.

FOTO: Raquel Beatriz Nienow



No ano passado, foram arrecadadas 3 toneladas de alimentos

UM RETORNO MAIS

A grande marca da 22ª Seara da Canção Gaúcha foi o retorno à Acapesu. O local sediou as primeiras edições, onde o grande clássico do festival, Santa Helena da Serra, foi revelado e ovacionado e, claro, por esses e muitos outros motivos que a razão e principalmente o coração explicam, Seara e Acapesu se acolheram muito bem.

E essa emoção transbordou no ano

passado. Foram três noites de casa cheia e muito entusiasmo a cada música. Até mesmo o sábado chuvoso do segundo dia de programação da 22ª Seara teve um público numeroso, lotando o ginásio e sendo difícil de caminhar por ele de tanta gente...

O carinho do carazinhense com as músicas é outra marca do festival, destacada inclusive pelos próprios artistas. Várias foram as músicas que



DO QUE ESPECIAL...

fizeram o público vibrar, inclusive sendo aplaudidas de pé.

- A energia das três noites do ano passado ficarão para sempre em nossos corações. E, óbvio, nos deixam ansiosos e na expectativa por viver mais três grandes noites agora na 23ª Seara. A Acapesu e a Seara, juntas, têm uma magia que ninguém explica e o palco terá muitas músicas de alto nível. Que seja mais um grande

festival – projeta Marlon Britto, presidente da Associação Seara de Arte e Cultura Gaúcha.

E você é nosso convidado especial para viver todas as emoções da 23ª edição do festival da nossa terra.

Viva a Seara da Canção Gaúcha, Tchê!

FOTOS: Britto Fotografia



UMA EMOÇÃO PARA A VIDA

Quando o público vibrou, cantou e aplaudiu de pé a apresentação de “Eu também sou Bombeador” a emoção tomou conta de quem defendia a composição no palco.

Os versos que dão nome à música estavam sendo cantados com muita emoção e muito entusiasmo não só pelos seus músicos, mas também por centenas de pessoas que acompanharam a 22ª Seara da Canção Gaúcha, que ano passado retornava à Acapesu, a Casa da Seara.

Darci Vieira, autor da letra, acreditava que por se tratar de um tema sobre a cidade haveria uma reação positiva, mas não imaginava tanto.

- Ao apresentarmos a canção tivemos uma grande surpresa com a reação positiva do público, os aplausos, as interações, a alegria do povo que lotou o ginásio da Acapesu. Para mim, para o Mauricio Silveira, para o Alison Machado e ainda nossos outros amigos músicos que estiveram conosco no palco, foi uma emoção muito grande. Isso fica para sempre - diz.

A hospitalidade do carazinhense é lema da cidade e também foi lembrada na letra da música pelo Seu Darci Vieira, como é conhecido em Carazinho, e que é autor de pelo menos outras cinco músicas em outras edições da Seara.

- Agora temos um senso maior de responsabilidade. Quando colocarmos novas músicas nos palcos, temos consciência de que a plateia espera um bom trabalho. Ficamos muito felizes com todo o carinho da comunidade carazinhense para conosco e para com o festival - frisa.

O público adiantou o que estaria por vir. “Eu também sou Bombeador” recebeu o prêmio de Melhor Canção da Categoria Local e ainda Melhor Tema sobre Carazinho.

- Quando a música sobe para o palco não sabemos qual vai ser o resultado. Esperamos que tudo dê certo, mas sabemos que o trabalho dos avaliadores não é fácil e respeitamos muito isso. Por isso, foi muito emocionante e gratificante sermos coroados com estes dois prêmios: Dividimos todo o mérito com nossos parceiros músicos - destaca.

FOTO: Britto Fotografia



CONTEMPORÂNEA | AIRE DE ZAMBA

O MUNDO

LETRA: CESAR GOMES DE OLIVEIRA

MELODIA: MATHEUS ALVES

INTÉRPRETE: FERNANDA LOPES

ARRANJADOR: MATHEUS ALVES

FERNANDA LOPES (INTÉRPRETE)
MATHEUS ALVES (VIOLÃO)
PAULINHO GOULART (ACORDEON)
MIGUEL TEJERA (CONTRABAIXO)
TEXO CABRAL (FLAUTA)
BRUNO COELHO (PERCUSSÃO)

O mundo nasceu assim, entre rochedos e terras
Entre os afoitos e calmos, tinham cavalos sem guerras
Podia ser descampado, mas foi cercado à moradas
Tinha tão pouco pra tanto, e tinha tanto de nada

Enquanto foi inocente, aceitando nossa história
O que lhe vinha tão vivo, se transformou em memórias
A conta calma das horas, que foi virando eras
Da uva, nasceu o vinho, e das moradas, taperas

**Matrizes de tempo em tempo, reemolduraram os fatos,
Das pedras aos manuscritos, à liquidez de um retrato...
O percebido é passado, quando vivemos agora
As horas viram segundos, e um só segundo demora**

O mundo foi descampado, nasceu sem santo ou ateu ...
Antes dos reis e rainhas, era regido por Deus
Antes das guerras mais frias, um dia o mundo nasceu!!
O mundo nasceu assim, e assim ninguém percebeu?

Oferecimento



RUI
SER HUMANO - NOSSA RIQUEZA

CONTEMPORÂNEA | MILONGA

CANTO GERAL

LETRA: VAINE DARDE

MELODIA: FELIPE GOULART

INTÉRPRETE: PIRISCA GRECCO | FLÁVIO HANSSSEN

ARRANJADOR: FELIPE GOULART

PIRISCA GRECCO (INTÉRPRETE)
FLÁVIO HANSSSEN (INTÉRPRETE)
LEONARDO QUADROS (VIOLÃO)
GUILHERME CASTILHOS (VIOLÃO SOLO)
FELIPE GOULART (VIOLÃO SOLO)
CHARLISE BANDEIRA (FLAUTA)
FILIPI COELHO (BAIXO)

Quem faz um verso rural,
cercado por horizontes,
possui, no galpão, a fonte
da essência universal;
pois o poema local,
desde a porteira aos fundos
é a síntese do mundo
numa expressão regional.

Poesia não tem bandeira,
só reconhece um idioma
e toda vez que se assoma
transpõe palavra e fronteira.
Não há aparte verbal.
O homem, em qualquer parte,
se torna igual pela arte
e em toda parte é igual.

**O mundo não se reparte,
compartilha a mesma ideia:
O universo da arte
faz parte de toda aldeia.**

Da Sibéria ao Pantanal,
desde a Pampa às Savanas
o elo que nos irmana
é provinciano e global.
Convive um senso geral
pelos rincões do universo
que dialoga no verso
no mesmo canto geral.

Ninguém é territorial
nas notas que cantarola,
da balalaica à viola
qualquer sotaque é mundial.
Pelo dom da digital
o povo todo se iguala
em toda parte em que a fala
é a linguagem musical.

Oferecimento



Mânica
seguros

NATIVISTA | CHAMARRA
AUTOR DESCONHECIDO

LETRA: EDUARDO MUÑOZ

MELODIA: RICARDO ROSA

INTÉRPRETE: FABIANO BACCHIERI

ARRANJADOR: COLETIVO

FABIANO BACCHIERI (INTÉRPRETE)
EDUARDO MUÑOZ (RECIADO)
ALUÍSIO ROCKEMBACH (VOCAL/ACORDEON)
HIGOR ESTREMEIRA (VOCAL/CONTRABAIXO)
GABRIEL ESTREMEIRA (VOCAL/GUITARRON)
GUSTAVO OTESBELGUE (VOCAL/VIOLÃO)

*Peço licença poética
Aos meus irmãos cantadores
Que semeiam mundo afora
A voz dos compositores...
Guardo a lição das figueiras
De espera e raízes tantas...
Pois sei que a sombra copada
Não é pra aquele que planta!*

Já deixa de ser o pai
O criador musiquieiro,
É quem aponta no fim
Pra ser lembrado primeiro...
De fato, é desconhecido,
Quando registro “no hay”,
O tempo faz orelhano
Mas ficam as digitais!

Meus “cachorro” dão de relho
Nuns “tipo” que me aparece
E fora os “garrão” do gado,
Quem ademais os conhece?
Pro gateado vale o mesmo
Te falo em pingo de lei
Copamos na rédea e laço
- E o domador? - Pouco sei!

**Bem vivo nos bastidores
Jamais à sombra de alguém
Cambiar o palco por paz
É a sina que a gente tem...
No sentimento do autor
Há mais que dever cumprido...
Por gosto assina seu nome
Pra seguir desconhecido!!!**

O mundo dá nome aos bois
Só na poeira do tombo
E haja casca e tutano
Pra tanto peso no lombo...
Cada um crê no seu Deus,
No santo, um poncho de fé...
Que embora nunca se veja
A gente sabe quem é!

*Como diria... Eu mesmo
Sem ganas de luz e plata
É feito a pedra que afia
Para o triunfo da faca...
Quando a marca da estância
Fica maior do que o couro...
Quem cuida o gado não cabe
Nem no retrato dos louros...*

Oferecimento

Oral Unic
IMPLANTES
CARAZINHO

GALPONEIRA | MILONGA

PECADOR

LETRA: ZECA ALVES

MELODIA: JARI TERRES

INTÉRPRETE: JARI TERRES

JARI TERRES (INTÉRPRETE)
MATEUS KRUMMENAUER (VIOLÃO)
MANOEL JOSÉ DE SOUZA (BAIXO)
LUCAS FERREIRA (GAITA)
JEAN CARLO GODOY (VIOLÃO)
GEOVANE MARQUES (PERCUSSÃO)

Renascem almas de tantos
Quando despertam num pranto
Do ventre em luz, vida em flor...
Ao prosseguir no caminho
Rumando por entre espinhos,
Sinal da cruz, pecador.

Do municio que se ata,
Pendurado pela pata
Pra adentrar o sangrador...
À mão ligeira do homem
Que carneia o que consome,
Em seu viver, pecador.

**Do cachorro que faminto
Age sempre por instinto
Porque nasceu predador...
Aquele que lhe golpeia
Por ser comedor de “oveia”,
Aponta o fim; pecador!**

Adejar aos quatro cantos,
Superar os desencantos,
E progredir, sim senhor!
Lançar palavras de pedra
Quando o silêncio se quebra,
Para ferir; pecador!

Rondar o tempo em vigília
Por ter a alma andarilha,
E ser enfim, cruzador...
Dominar o pensamento
Distinto de um sentimento,
Ser mesmo assim: pecador!

**Estar aqui de passagem
É ter bem mais que as imagens
Com olhos de um sonhador...
É ser em luz, caminhante,
Seguindo o destino errante,
Ombreado a cruz, pecador.**

Oferecimento

 lojas
andrioli

GALPONEIRA | CHAMARRA
ARRIBADOR

LETRA: **MARCELO MENDES | RAFAEL FERREIRA**

MELODIA: **MAURO SILVA**

INTÉRPRETE: **MAURO SILVA | LUCAS GROSS | GABRIEL JARDIM | DANNER MARINHO**

ARRANJADOR: **MAURO SILVA | LUCAS GROSS**

MAURO SILVA (INTÉRPRETE/CORDEONA)
LUCAS GROSS (INTÉRPRETE/RECITADO/VIÃO SOLO)
GABRIEL JARDIM (INTÉRPRETE/VIOLÃO SOLO)
DANNER MARINHO (INTÉRPRETE/GUITARRON)
APARÍCIO MAIDANA (BAIXO)

João do Riso vem no arreo,
num causo antigo que conta,
de novo a tropa reponta
com um olhar de esperança,
parece palmear a trança,
vaqueana das arribadas,
de muitas mulas laçadas
no manguirão da lembrança.

Com sonhos firmes nos tentos
e a mula bem arreada,
vem assobiando uma toada
no tranco de algum passado,
casco firme, encastelado,
cortando rumo e destino,
que trilhou desde menino,
pra ser um peão respeitado.

**Golpeia tempo e história
com a força de domador,
pra goela de um cantador
cantar as suas jornadas,
debaixo destas estradas
estão os rastros precisos,
deixados por João do Riso,
volteando nas arribadas.**

*Diz que o bom arribador
recorre mato e canhada,
não deixa mula extraviada
e entrega a tropa parelha.
Na memória, uma centelha,
da confiança no seu braço,
trazendo mulas no laço,
a marca, ou só as orelhas.*

No amanhecer sua risada
vem prenunciar o - bom dia -,
encilhando uma alegria
para seu mundo viageiro,
pois se ficou o carreiro
onde cruzou comitivas,
mas essas trilhas são vivas
no coração do tropeiro.

Oferecimento



SM
CONSTRUÇÕES

NATIVISTA | MILONGA

CAMINITO DE CAMPO

LETRA: SÉRGIO CARVALHO PEREIRA

MELODIA: JOCA MARTINS | LUCIANO FAGUNDES

INTÉRPRETE: JULIANA SPANEVELLO

ARRANJADOR: LUCIANO FAGUNDES

JULIANA SPANEVELLO (INTÉRPRETE)
LUCIANO FAGUNDES (VIOLÃO)
YURI MENEZES (VIOLÃO)
RODRIGO MAIA (BAIXO)
PAULINHO GOULART (PIANO)
JOÃO PAULO DECKERI (BANDONEON)

**Quando eu encontro um caminho
aberto na flor do pasto,
um caminito de campo
feito de chuva e de casco,
que vai do nada pro nada
numa errante trajetória,
nele me perco da estrada
e me encontro na memória.**

E então sou cantora
nas pedras do Forte de Santa Teresa,
ouvindo os rumores, na antiga
destreza,
de sentir as cheias do Grande Olimar.
Eu sei que ainda canto
o tinir que a prata deixou em
Sacramento,
o ontem, o hoje, no mesmo momento,
com sina de vento... me tocou cantar.

*E então sou cantora,
nas mangueiras grandes dos campos
jesuítas,
onde correm as varas e o vento se
agita
mareteando os juncos do Arroio Saicã.
Eu sei que cantei,
com Fierro em bolichos da velha
Santana*

*e ouvi Tio Lautério amarrando as
campanas
no Passo da Guarda do Rio Camaquã.*

**Esses caminhos de campo
que parecem terminados
junto do sol de um rodeio,
num sumidor de banhado,
seguem pra além da poeira,
pra dentro da serração,
são as estradas do tempo
na minha imaginação.**

E assim sou cantora,
presente e futuro de uma mesma
herança.
O tempo guasqueiro trabalhando a
trança
e a voz que me sobra... me resta
cantar.
Fazer minha estrada
do poema escondido num rastro de
campo,
sentir que o destino que eu trago no
canto
é um caminho vivo... de nunca apagar.

Oferecimento



CONTEMPORÂNEA | MILONGA

O MAR DO INTERIOR

LETRA: SÉRGIO CARVALHO PEREIRA

MELODIA: JULIANO GOMES | EDUARDO VARELA

INTÉRPRETE: FLÁVIO HANSSEN

FLÁVIO HANSSEN (INTÉRPRETE)
QUINTO OLIVEIRA (VIOLÃO)
DANIEL ZANOTELLI (FLAUTA TRANSVERSAL/SAX SOPRANO)
EDUARDO VARELA (TECLADO)
JULIANO GOMES (BAIXO)

Marcírio Grande foi peão,
tropeiro, sota e caseiro.
Entre inverno e galpão,
moldado à volta do arreo.
Não pôde chegar ao mar,
parou... parando rodeio.

Foi meu amigo de vida,
de fumaça e de silêncio.
Essas campanhas perdidas,
seu impreciso endereço.
Não pôde enxergar o mar,
que até pra olhar há um preço.

Quando lhe contei um dia
da grandeza que há no mar,
do som da brisa marinha,
do horizonte circular,
sua boca não disse nada
e acreditou com o olhar.

Quem sabe tenha pensado
que as vagas fossem canhadas,
a espuma das ondas grandes
campo coberto de geada
e a maré ganhando a areia
tropa avançando na estrada.

Marcírio não viu o mar,
mas tão pouco carecia.
Seus olhos de vislumbrar,
salgados de maresia,
viram a pampa infinita
no verde imenso dos dias.

Quando se foi meu amigo,
que nunca chegou ao mar,
já não mirava as distâncias
nem tinha que acreditar.
Teve seu mar do interior,
o pasto, o fogo, o olhar.

Oferecimento



CONTEMPORÂNEA | MILONGA

DESENCANTO

LETRA: HELENO ALTER SANTOS CARDEAL (EM MEMÓRIA)

MELODIA: CARLOS MADRUGA

INTÉRPRETE: FERNANDA LOPES

ARRANJADOR: CARLOS MADRUGA

FERNANDA LOPES (INTÉRPRETE)

CARLOS MADRUGA (VIOLÃO)

LANES CARDEAL (VIOLÃO)

LUCIANO FAGUNDES (VIOLÃO)

LUCIANO MAIA (CONTRABAIXO)

LUIZINHO CORREA (GAIATA)

NILTON JÚNIOR DA SILVEIRA (TECLADO)

**Ninguém sabe, ninguém viu,
Porque o rancho ataperou
Ninguém sabe, ninguém viu
Tão lindo era aquele amor**

Do moço, arvoredado bueno,
Uma tropilha bem tosada
Legumes, flores, aguadas
Que a mão da moça cuidou
Os batentes carcomidos
A quincha desmoronara
Sem “ventanas” de taquara
Por triste, o vento cruzou

Rosas, rosas e mais rosas
Que “se quedaram” silvestres
Aroma lembrando o agreste
Perfumando não sei quem
Na tapera, abandonado,
Se aninha um cusco sem raça
À noite, chora a desgraça
Uivando para ninguém

Algazarra de canoras,
De plumagem colorida
Notas “dulces”, doloridas
Recordando aquele amor
Talvez um sabiá
Cantando, triste, seu canto
Soubesse do desencanto
E ele, assim, canta de dor

Oferecimento



CONTEMPORÂNEA | CANÇÃO

QUATRO ELEMENTOS

LETRA: TULIO SOUZA

MELODIA: ARISON MARTINS

INTÉRPRETE: ANALISE SEVERO | JEAN KIRCHOFF
ARISON MARTINS | EMERSON MARTINS

ARRANJADOR: ARISON MARTINS

ANALISE SEVERO (INTÉRPRETE)
JEAN KIRCHOFF (INTÉRPRETE)
ARISON MARTINS (INTÉRPRETE)
EMERSON MARTINS (INTÉRPRETE)
FELIPE ALVAREZ (CONTRABAIXO)
GUILHERME GOULART (ACORDEON)
FILIPI COELHO (VIOLÃO)

Quando a verdade chegar mansamente
Aceito seu beijo e abraço a razão.
Quando a mentira chegar de atropelo
Eu nego os arreios e digo que não!

Quando a esperança olhar nos meus olhos
Encontro em seus olhos um tanto de fé.
Quando a descrença tentar pôr mania
Refugio as ideias de quem “mal-me-quer”.

**A mentira nos prende sem perceber.
A descrença convence sem um porquê.**

**Pelos braços da verdade aceito o laço da razão.
Pelos olhos da esperança vejo mais com o coração.**

A vida que gira em quatro elementos
Tem pares opostos pro mal ou pro bem.
Mentira ou verdade, esperança ou descrença,
A escolha é livre pra quem lhe convém!

Oferecimento

W STORE

NATIVISTA | VANEIRA

EU SEMPRE VIVI SOZINHO

LETRA: OTAVIO LISBOA

MELODIA: ALUISIO ROCKEMBACH

INTÉRPRETE: ALUISIO ROCKEMBACH

ARRANJADOR: ALUISIO ROCKEMBACH

ALUISIO ROCKEMBACH (INTÉRPRETE/ACORDEON)

JULIANO LEMOS (VIOLÃO)

HIGOR ESTREMEIRA (BAIXO)

GEOVANE MARQUES (PERCUSSÃO)

GABRIEL ESTREMEIRA (VIOLÃO)

Eu sempre vivi sozinho
Por toda grota e estrada,
Nunca precisei da sombra
Pra me marcar a pisada;
O perfume sai com o tempo,
Muito antes do que penso...
E pouco dura marcado
Algum batom no meu lenço.

Eu sempre vivi sozinho,
De romance com a lua,
E nem me importo que ela
Diga ter saudade tua;
Andar comigo me basta
Ao contrário de algum outro,
Que vive só no cabresto
Dizendo ser meio potro...

**E assim, sempre sozinho
Me fiz semblante e tapera,
Feito um Barreiro na seca
Vivendo só das esperas!
Não preciso de corda
Pra me apontar o caminho,
E repito pra quem queira:
Eu sempre vivi sozinho!**

Feito um sol que meio escondido
Igual a nuvem que passa,
O tempo mudou meu tempo,
E a solidão já se escassa...
Não é que eu precise muito
Ter alguém no meu costado,
Mas um futuro bem vivido
Apaga qualquer passado.

*Eu sempre vivi sozinho
Mas hoje mudei - profundo -,
Não se separa alpargata
Por estas voltas do mundo...
Por isso, quem me queria
Vai ficar no pensamento;
Que até a mãe das guria
Convidei pra'o casamento!*

Oferecimento



27/10

DOMINGO

Catherine
Vergnes

Searinha Piaçito

- 01 CECÍLIA PUGLIERO
COELHO
- 02 MATHEUS SALAZAR
MÜLLER
- 03 ISABELLA TRAMONTINA
- 04 MARIA EDUARDA
KLIMIKI KONIG
- 05 LIVIA MARIA
WON MÜHLEN

Searinha Pia

- 01 ANITA RODRIGUES
- 02 RAIANY DE FREITAS
- 03 EMANUELLE CORRÊA
- 04 NATIELLY GONÇALVES
- 05 MARINA DUARTE

Final da Seara

SEARINHA PIAZITO | 4ª SEARA
TATU ROSQUEIRA

LETRA: SILVIA CLARICE ZINN TAVARES
MÚSICA: MARLENE LEONOR PASTRO
INTÉRPRETE: CECÍLIA PUGLIERO COELHO

CECÍLIA PUGLIERO COELHO (INTÉRPRETE)
FILIPI OELSNER COELHO (VIOLÃO)
GUSTAVO VILAVERDE (ACORDEON CROMÁTICO)

**Roda, Tatu Rosqueira
Roda, que é bom rodar!
Gira, Tatu Mambira
Que ao fim da dança
Vou te levar**

O Simões contou um causo
Que eu vou contar pra vocês
Toda história tem começo
Certa feita era uma vez...

Contar causo é muito fácil
Ver as coisas é diferente
Tatu com rabo de rosca
É só pra enganar a gente

O Romualdo foi caçar
Lá no capão da revolta
O tatu entrou na toca
Tira o rabo que ele volta

Ao descobrir sete covas,
Sete rabos destorceu
Fincou os rabos na terra
E na moita se escondeu

As bichos voltaram logo
Pra buscar suas rabadas
Girando que nem peão
Pra ver a rosca apertada

Entretidos nesta lida
Não voltaram pro buraco
Era uma vez o Romualdo
Com sete tatus no saco.

Oferecimento



RUI
SER HUMANO - NOSSA RIQUEZA

SEARINHA PIAZITO | 5ª SEARA

SANTA HELENA DA SERRA

LETRA: JOSÉ LUIZ VILLELA

MÚSICA: RUI BIRIVA

INTÉRPRETE: MATHEUS SALAZAR MÜLLER

MATHEUS SALAZAR MÜLLER (INTÉRPRETE)
NILTON JÚNIOR DA SILVEIRA (TECLADO)
CÁSSIO FIGUEIRÓ (ACORDEON)
FILIPI COLHO (BAIXO)
EMERSON MARTINS (VIOLÃO)
ARISSON MARTINS (BATERIA)

Vim, vim, vim, vim, vim
No primeiro trem da linha
Que partiu de manhãzinha
De Santa Helena da Serra

Vim, vim, vim, vim, vim
No primeiro trem da linha
E deixei tudo que tinha
Em Santa Helena da Serra

Deixei o rio e as matas
O luar, as serenatas
E o gosto doce da terra
Do raminho de hortelã
No chimarrão da manhã
Em Santa Helena da Serra

Vim, vim, vim, vim, vim
Vim buscar outras riquezas
Trouxe a mala e a certeza
De que tudo era melhor
Ah! Meu Deus! Que desencanto!
Ver o povo sofrer tanto
Tanta fome ao meu redor

Hoje dói uma saudade
Pelas ruas da cidade
E que lá não doía não
Mas não vou levar as penas
Pra minha Santa Helena
Vou deixá-las na estação

Vou embora, vou embora
Vou partir na mesma hora
Vou voltar pra minha terra
Amanhã de manhãzinha
No primeiro trem da linha
De Santa Helena da Serra

Oferecimento

PELLÈGRIN®

ELÉTRICA INDUSTRIAL

SEARINHA PIAZITO | 9ª SEARA
TRICOTANDO VERSOS

LETRA: JOSÉ ATANÁSIO BORGES PINTO

MÚSICA: NEWTON LUIS BASTOS

INTÉRPRETE: ISABELLA TRAMONTINA

ISABELLA TRAMONTINA (INTÉRPRETE)
CHARLISE BANDEIRA (FLAUTA)
CÁSSIO FIGUEIRÓ (ACORDEON)
FILIPI COELHO (CONTRABAIXO)
EMERSON MARTINS (VIOLÃO)

Costurando rimas
Tricotando versos
Alinhavo o tempo
Que não quer parar
Entre mil novelos
Dos meus universos
Traço o meu destino
Neste tricotar.

Vou mesclando cores
Nesses pontos cheios
E tecendo sonhos
Que sonhei em vão.
E ao buscar motivos
Matizando anseios
Bordo o meu destino
Com o coração

Quando a nostalgia
Vem rondar minh'alma
Pelas madrugadas
Dessa ausência tua
Eu recolho estrelas
Pela noite calma
Pra banhar de prata
Nossa velha rua.

Em serões compridos
Nesta espera infinda
Vou tecendo a vida
Sem jamais cansar
E um tapete cheio
Da emoção mais linda
Pra servir de cama
Se você chegar.



SEARINHA PIAZITO | 18ª SEARA

RETRATO DOS MEUS PELEGOS

LETRA: **OLGI ZAUZA KREJCI**

MÚSICA: **PIERO ERENO**

INTÉRPRETE: **MARIA EDUARDA KLIMIKI KONIG**

MARIA EDUARDA KLIMIKI KONIG (INTÉRPRETE)
CÁSSIO FIGUEIRÓ (ACORDEÓN)
FILIPI COELHO (BAIXO)
EMERSON MARTINS (VIOLÃO)
ARISSON MARTINS (BATERIA)

Uma ovelha branca da mais pura
raça
Pariu dois lindos cordeirinhos
machos
O mais esperto eu deixei com ela
O outro adotei de pronto e criei
guaxo

No dia que sangraram os dois
borregos
Foi um pouco de mim pois perdi tudo
Vi o olhar deles a pedir socorro
O meu chorava em desespero mudo

Mas ninguém viu ou ouviu meu
pranto
Só uma rolinha agitou as asas
E o silêncio de todo o passaredo
Ficou tão triste nos beirais da casa

**Tudo sucumbe ao tempo
transcorrido
Assim se vai feito a flor da idade
E quem não chora um amor
perdido
Ou não suspira ante uma saudade**

Ainda tenho em mãos os dois
pelegos
Já que a nenhum coubera melhor
sorte
O criador que o separara em vida
Tragicamente os uniu em morte

Quando acampava o relento na
pampa
Sem ter viva alma pra ouvir meus ais
Chorei silente debruçada neles
O que tivera e já não tinha mais

Ainda tenho um pelego roto
Um galpão antigo que o meu pai fez
Onde o maninho que não mais existe
Engatinhou pela primeira vez

Oferecimento



SEARINHA PIAZITO | 7ª SEARA

UM MATE POR TI

LETRA: APARÍCIO SILVA RILLO

MÚSICA: VINÍCIUS BRUM E BETO BOLO

INTÉRPRETE: LÍVIA MARIA WON MÜHLEN

LÍVIA MARIA WON MÜHLEN (INTÉRPRETE)
JONAS GLOECKNER PEREIRA (GUITARRON)
DIEGO OLIVEIRA (VIOLÃO)
VALDIR MORAES (BAIXO)
GUILHERME S.JEENDER (FLAUTA)

Na bomba do mate, ficaram teus lábios
E um gosto maduro de mel de mirim
E se não mateio depois que partiste
É que ando triste, perdido de ti

A bomba é uma pomba de penas cansadas
E a cuia morena, seu ninho vazio
E agora que foste, chegou o inverno
E as águas do mate tiritam de frio

Às vezes meus lábios recordam os beijos
Que a bomba trazia de ti para mim
E o mate de ontem me lembra
Que tudo que é doce, a princípio, se amarga no fim

Por outras, me indago se não vale a pena
Trocar um capricho por um chimarrão
Tomar mais um mate por ti que levaste
Meus restos de doce na palma da mão

Oferecimento



BRASATCHÊ

— restaurante e churrascaria —

SEARINHA PIÁ | 16ª SEARA
O MEDO

LETRA/MÚSICA: MARIO AMARAL, CARLOS CATUÍPE
INTÉRPRETE: ANITA RODRIGUES

ANITA RODRIGUES (INTÉRPRETE)
GABRIEL MAFALDA (VIOLÃO)
MOYSES SILVA (TECLADO)
GUILHERME PEREIRA (CAJON)

O medo é o verbo latente aos olhos
do sonhador
Quando lhe queima a paixão descrita
por desamor
Veste o manto da espera ao guardar-
se em segredos
Desenha desesperança revelando
um novo enredo

O medo vem a cabresto quando se
prende a palavra
No “S” cru da espada que a pena
semeia e lava
Rabisca um rumo incerto pra cancela
que se abre
É poeira, é noite, é ilusão, que na
estrada não cabe

**O medo... é nuvem negra
No ventre do temporal
O medo só amansa
A voz dos punhais
Com a força da cruz de sal**

O medo faz valentias ao pulsar das
horas pardas
Quanto mais se encolhe a lâ mais
bendito se alarga
Muda o semblante das horas com
sua cara sombria
Enche de escuro o tempo pra vida
em rebeldia

O medo conta rosários nas vergas
fundas da mão
Se enfurna dentro da alma nos ermos
da solidão
É uma sombra projetada de um corpo
inacabado
No espelho da razão do viver
estilhaçado

Oferecimento

PRB

PAPELARIA RIO BRANCO

SEARINHA PIÁ | 21ª SEARA

DE ALMAS POBRES

LETRA: VALDIR DISCONZI

MÚSICA: ZULMAR BENITEZ

INTÉRPRETE: RAIANY DE FREITAS

RAIANY DE FREITAS (INTÉRPRETE)
RAFAEL DE OLIVEIRA RODRIGUES (VIOLÃO)
GABRIEL MAFALDA (VIOLÃO)
RODRIGO TAPIA (GUITA)
MURILO AUGUSTO ROHDE DA SILVA (GUITA)

Dia desses me dei conta, repassando a memória,
Que os trens de passageiros foram dos trilhos pra história,
Feito os mestres carreteiros, que tanto sovaram bois...
Foi correndo atrás do novo, que o povo esqueceu os dois.

Nos trens, que “cortavam” campos, as conversas se estendiam,
Entre estações e paradas, estranhos se conheciam;
O prazer do reencontro, dos que há muito não se viam...
... desde amores aos negócios, esses vagões “entendiam”.

**Bastam, hoje, algumas horas pra transporem continentes,
Os transportes são velozes, mas as ânsias vão na frente;
Quase ninguém se conhece, nos prédios de apartamentos,**

**Passam a vida correndo e ainda lhes falta tempo;
Parece que essa gente, que já não sabe o que é calma,
Paga o preço do “sucesso” com a pobreza da alma.**

Foram tantos bravos homens, nas carretas rangideiras,
Picaneando bois e sonhos, amassando barro e poeira,
Mas que às noites, nas pousadas, reencontravam parceiros,
Com tempo pra prosa e mates, e pro arroz-de-carreteiro.

O fim não nos manda aviso, o bom da vida é o caminho...
Quem faz amigos na estrada, não envelhece sozinho;
Quem só pensa no amanhã, não vê que o hoje é um presente,
E esse presente é um regalo, que só deus concede à gente.

Oferecimento

JARIC 

HAMBURGUERIA

SEARINHA PIÁ | 20ª SEARA

NEM QUE SEJA POR UM DIA

LETRA: CARLOS OMAR VILLELA GOMES

MÚSICA: NILTON JUNIOR DA SILVEIRA | CRISTIANO QUEVEDO

INTÉRPRETE: EMANUELLE CORRÊA

EMANUELLE CORRÊA (INTÉRPRETE)
NILTON JUNIOR DA SILVEIRA (TECLADO)
CASSIO FIGUEIRÓ (ACORDEÃO)
FILIPI COELHO (BAIXO)
ARISSON MARTINS (BATERIA)

Ao reviver esta rua
De histórias bem contadas
Trago a saudade mais nua
Despida nessas estradas

Um pedaço do meu mundo
Foi comigo na bagagem
Saudade que fere fundo
Judou durante a viagem

Meus olhos são labaredas
Jorrando um fogo feroz
Buscando a sede das sedas
E um mundo feito por nós

Os horizontes são lerdos
Pra os raios do meu olhar
E o que há de bom nas veredas
Meus sonhos vão alcançar

**Um dia o tempo retorna
Nem que seja por um dia
Ao lugar que o tempo adorna
Como paixão e poesia**

**À rua da minha infância
À minha terra natal
Onde floresce a esperança
Plantada lá no quintal**

Tenho calos das jornadas
Cicatrizes, viração
No cabelo alguma geada
E um potro no coração

Hoje retorno sedento
De um ninho cheio de paz
E encontro todo o alento
No colo manso dos pais

Pois ainda existe um castelo
Nesta rua pequenina
O mais gigante, o mais belo
E o que melhor me destina

Um castelo de coragem
Que me faz ir, mas voltar
Mostrando que a melhor viagem
É a de retorno pra o lar

Oferecimento



Clínica São Francisco
Veterinária e Pet shop

SEARINHA PIÁ | 18ª SEARA

RETRATO DOS MEUS PELEGOS

LETRA: **OLGI ZAUZA KREJCI**

MÚSICA: **PIERO ERENO**

INTÉRPRETE: **NATIELLY GONÇALVES**

NATIELLY GONÇALVES (INTÉRPRETE)
CHARLISE BANDEIRA (FLAUTA TRANSVERSAL)
FELIPE GOULART (VIOLÃO SOLO)
FILIPI COELHO (BAIXO)
CÁSSIO FIGUEIRÓ (ACORDEÃO)
NILTON JUNIOR DA SILVEIRA (PIANO)
EDUARDO SARAGOZO (VIOLÃO BASE)

Uma ovelha branca da mais pura
raça
Pariu dois lindos cordeirinhos
machos
O mais esperto eu deixei com ela
O outro adotei de pronto e criei
guaxo

No dia que sangraram os dois
borregos
Foi um pouco de mim pois perdi tudo
Vi o olhar deles a pedir socorro
O meu chorava em desespero mudo

Mas ninguém viu ou ouviu meu
pranto
Só uma rolinha agitou as asas
E o silêncio de todo o passaredo
Ficou tão triste nos beirais da casa

**Tudo sucumbe ao tempo
transcorrido
Assim se vai feito a flor da idade
E quem não chora um amor
perdido
Ou não suspira ante uma saudade**

Ainda tenho em mãos os dois
pelegos
Já que a nenhum coubera melhor
sorte
O criador que o separara em vida
Tragicamente os uniu em morte

Quando acampava o relento na
pampa
Sem ter viva alma pra ouvir meus ais
Chorei silente debruçada neles
O que tivera e já não tinha mais

Ainda tenho um pelego roto
Um galpão antigo que o meu pai fez
Onde o maninho que não mais existe
Engatinhou pela primeira vez

Oferecimento

Perfil
Produções e Eventos

SEARINHA PIÁ | 22ª SEARA
GURIA

LETRA: **JUCA MORAES**

MÚSICA: **DIOGO BARCELOS**

INTÉRPRETE: **MARINA DUARTE**

MARINA DUARTE (INTÉRPRETE)
ARISSON MARTINS (BATERIA)
NILTON JÚNIOR DA SILVEIRA (TECLADO)
FILIPI COLHO (BAIXO)
EMERSON MARTINS (VIOLÃO)
CHARLISE BANDEIRA (FLAUTA)

Eu quero crer que além de mim
Irá nascer um querubim.

Já fui Anita em outros tempos
Hoje sou eu - me reinvento.

Talvez um anjo que vem do céu
Usando um manto, usando um véu...

Outra Bibiana sem capitão
Ou qualquer uma sem coração.

Eu sou assim - peço que creias
Mais uma órfã destas peleias.

Peleias rudes que me judiaram -
Da juventude que me tiraram.

Perdi pra vida o que eu queria
De ser apenas uma guria.

Minhas bonecas não são de pano
São carne e osso se não me engano.

Fui para os campos, curar feridas
Sem nem saber o que era vida.

Uma guria sem ter brinquedos
Que só sabia o que eram medos.

Hoje mulher, cheia de alentos
Entendo tudo em cada tempo.

Me falta tudo o que eu queria
De ser, somente, uma guria.

Hoje sou mais do que eu queria
Mas continuo uma guria.

Oferecimento



ACOLHERADOS TEM MAIS DE 150 MIL REPRODUÇÕES EM MENOS DE UM ANO

Mais de 150 mil reproduções em duas plataformas digitais. Essa foi a marca atingida pela música “Acolherados”, vencedora da categoria Galponeira da 22ª Seara da Canção Gaúcha, em menos de um ano. Com mais de 40 mil visualizações no Youtube e mais de 110 mil reproduções no Spotify, a música se consagra como a mais ouvida nas plataformas digitais da Seara.

- Ficamos muito contentes pela proporção que ela tomou tanto nas plataformas de áudio e vídeo quanto no coração das pessoas! É muito especial estarmos num show e ouvirmos alguém gritar: “Acolherados”. É a certeza de que ela segue para frente, principalmente quando chega nas crianças, como é o caso - ressalta Lucas Gross, autor da melodia.

A música que foi a primeira parceria entre Gross e José Maurício Rigon nasceu da observação do dia a dia da lida campeira, principalmente da ‘colhera’, prática comum das estâncias para amansar e fazer o animal respeitar o cabresto por conta própria.

- Acolherados surgiu ao ver um campeiro ‘assoprando’ dois potros acolherados para o corredor. Um baio e outro mouro que seguiam corredor afora conhecendo o cabresto e aprendendo a se costear. A cena

chamou a minha atenção e fiquei alguns dias pensando a respeito. Até que na madrugada de 4 de julho de 2023 nasceu a música ‘Acolherados’ – revela Rigon, autor da letra.

A composição segue descrevendo a relação entre os dois animais com nuances poéticas, entretanto, rompe as demarcações do campo para deixar um ensinamento sobre a vida. Ao final, com os potros já sujeitos e compreendendo o cabresto, lembra a todos que, assim como na colhera, ‘qualquer coisa que se faz, volta pra nós em seguida’.

O sucesso entre letra e melodia sem dúvidas é o que garantiu a “Acolherados” o prêmio de melhor música da Linha Galponeira da 22ª edição e o que a mantém entre as principais músicas da Seara da Canção Gaúcha. “Retratar em detalhes um costume antigo para que todos entendam é meu objetivo. E a sensibilidade melódica do Lucas completou perfeitamente esta música que tanto nos orgulha”, completa Rigon.

- Muito nos honra tanto em ter criado “Acolherados” como saber que ela de alguma forma marca o seu tempo e seu lugar na história da Seara, festival esse que desejamos vida longa e que sempre que possível estaremos presentes! – assegura Gross.

FOTO: Britto Fotografia





Viva de Frente

você merece
implantes
dentários de máxima qualidade

Dra. Magali Bertoldi
CRO/RS 22.488 | EPO - 5539

Agende **já!**



(54) **2141-4500**



(54) **99616-4500**

AV. FLORES DA CUNHA, 2505
CENTRO | CARAZINHO - RS

QUATRO DÉCADAS, MUITA INOVAÇÃO E MÚSICAS MEMORÁVEIS

Confira uma entrevista especial com o diretor de palco da Seara, Terson Praxedes, verdadeira referência nos festivais nativistas

Já são quatro décadas desde que a primeira edição da Seara da Canção Gaúcha foi realizada e, hoje, por sua relevância, a Seara tornou-se evento oficial e bem imaterial integrante do patrimônio histórico e cultural do município de Carazinho e um dos maiores e mais expressivos eventos de música tradicional do Rio Grande do Sul.

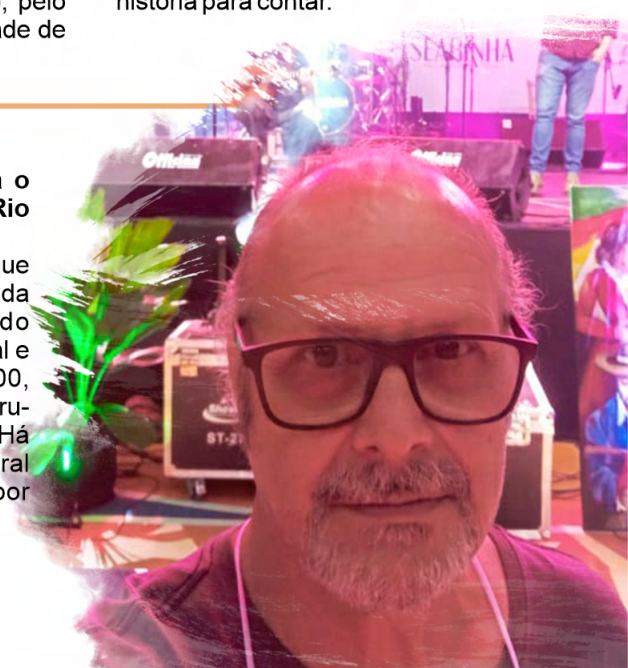
Mas quando se fala do sucesso das edições da Seara da Canção Gaúcha, fala-se também do sucesso das pessoas que fazem o festival acontecer. Ele nasceu da iniciativa da própria comunidade (representada pela Associação Seara de Arte e Cultura Gaúcha), pelo empenhimento e pela boa vontade de

idealistas, apaixonados pela arte, pela cultura e pela tradição gaúcha. E é claro, dos músicos e compositores que se dedicam a criar canções inesquecíveis.

Uma destas pessoas batalhadoras e defensoras da Seara é Terson Praxedes, diretor de palco, que integrou a equipe das primeiras e das mais recentes edições da Seara, além de vários outros festivais, inclusive fora do estado. Pesquisador e um abnegado da cultura gaúcha, Praxedes foi servidor do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF), já extinto, já foi avaliador da Seara e tem muita história para contar.

SEARA: Como o senhor avalia o cenário atual dos festivais no Rio Grande do Sul? E fora dele?

TERSON PRAXEDES: Acredito que estamos hoje como no cenário da década de 80. Estão surgindo diversos eventos de cunho musical e poético, chegando a quase 100, incluindo aqueles de música instrumental, de canções e de poesia. Há uma busca de identidade cultural muito grande, principalmente por eventos nativistas.



SEARA: O senhor sempre defendeu a importância do resgate da memória visual e sonora da cultura nativista. De que modo o senhor acha que nosso Estado pode evoluir neste quesito?

PRAXEDES: Creio que os festivais, através de seus poetas e músicos, devem procurar ainda mais enaltecer fatos e feitos do cotidiano do homem e da mulher, do campo e da cidade, resgatando assim, através da poesia e da música, momentos importantes da nossa história.

SEARA: Como o senhor vê a história da Seara da Canção Gaúcha?

PRAXEDES: A Seara surge exatamente com o *boom* dos festivais em 1981 com uma proposta diferente. Nesse início quase copiando a Califórnia da Canção Nativa com as suas três linhas: Nativista, Galponeira e Contemporânea, mas com um grande detalhe sendo Seara da Canção GAÚCHA, procurando dar um novo enfoque para a nossa música.

A Seara inovou em muitos aspectos. Foi o primeiro festival a dar um cachê aos jurados, foi o primeiro a definir o número de músicos no palco, mínimo de quatro e máximo de oito. Além disso, inovou ao permitir, durante o período da ditadura militar, que a associação recebesse as letras das músicas e remetesse para o IGTF liberar junto à Polícia Federal a permissão para ser apresentada no palco da Seara. Antes disso, os próprios autores tinham que fazer.

SEARA: Quais são as memórias mais vivas que o senhor tem das primeiras edições da Seara?

PRAXEDES: Uma das páginas musicais mais marcantes é a música Chamamento, que foi unânime entre júri,

público e imprensa. Nessa segunda edição do festival deixei de dirigir o palco e passei a compor o júri. Além disso, a música Birivas, na 4ª edição, dá o nome artístico ao Rui da Silva Leonhardt, o Rui Biriva, apelido este colado no Rui por Antônio Augusto Fagundes, no Galpão Crioulo.

“A Seara sempre foi inovadora em muitos aspectos.”

Terson Praxedes

SEARA: Em 2022 retornamos com as linhas musicais, classificando as músicas em Nativista, Galponeira e Contemporânea. Como o senhor vê esse resgate?

PRAXEDES: Acredito que a retomada da Seara com as linhas permite resgatar a identidade própria da Seara, uma filosofia de trabalho igual a do seu início, deixando de ser mais um festival no lugar comum. É a volta do espaço a todas as tendências musicais do Estado, de Chamamento, de um Mate por ti, Santa Helena da Serra e Baile de Rengo.

SEARA: Qual é a sua expectativa para a 23ª edição?

PRAXEDES: Acredito que a 23ª Seara será a consolidação do trabalho que a atual equipe tem se dedicado para a grandeza do festival. Vemos que os autores e compositores que mandam músicas para a Seara já começam a entender a filosofia do trabalho e estão produzindo composições específicas para cada linha da Seara. Então tenho certeza que será um grande festival.



Seara da Canção Gaúcha



@searadacancaogaucha

COLHEITAS CHEIAS DE SIGNIFICADO...

*“Benditas sejam as mãos / De espera, reza e cuidado... /
Tem um ponto de colheita / Para cada intento semeado...”*

Esses são apenas alguns dos versos da canção “Colheita”, ganhadora de quatro troféus na última edição da Seara da Canção Gaúcha, incluindo a de melhor canção da linha Nativista. Com letra de Eduardo Muñoz e Otávio Severo, dois agrônomos, a música trouxe um paralelo entre a semeadura e a colheita.

- É um tema que nos toca muito, que faz parte do nosso dia a dia. Quando fizemos a música para a Seara, quisemos lembrar que Seara nada mais é do que uma plantação e queríamos então fazer o seu complemento: a colheita – destaca Muñoz.

A letra é cheia de significado, trazendo todo o tipo de semeadura e a mensagem de que a colheita precisa ser feita no tempo certo. “Quando dizemos no verso ‘Tem um ponto de colheita para cada intento semeado’, queríamos lembrar aos jovens de hoje que são mais imediatistas, que cada um na sua carreira qualquer que ela seja, demora um pouco para colher os frutos. Tem que esperar o ponto certo. Não adianta colhê-los verdes porque serão mais amargos e nem deixar passar do ponto, pois estarão estragados. Precisam ser colhidos no ponto certo, assim serão mais adocicados – enfatiza o poeta.

A poesia marcante permitiu que o autor da melodia, Cícero Camargo, que também foi o intérprete da canção, criasse algo emocionante, que se unisse à letra. “É importante entender o que a música está dizendo. Precisa haver uma cooperação entre o verso e a melodia. Um precisa vestir a outra. E não foi difícil fazer isso porque a letra de Colheita é muito boa e dá muitas pistas de para onde a melodia tem que ir”, explica Camargo.

A composição colheu muitos frutos e levou para casa o prêmio de Melhor música da linha Nativista, Melhor Melodia, Melhor Arranjo Vocal e Melhor instrumentista, este para o músico Ricardo Comassetto.

Durante a Seara do ano passado, uma coincidência marcou os músicos. “Quando chegamos no camarim, estava pendurado um quadro da artista plástica carazinhense Ilse Ana Piva Paim intitulado ‘Colheitas’. Tinha um diferente em cada camarim, mas o nosso era exatamente a ilustração de nossa música, a qual já tinha sido feita há muitos anos e não tínhamos relação com isso. Acabei comprando o quadro e hoje ele está em minha sala e faz parte do meu dia a dia, assim como esta música maravilhosa – conta Muñoz.


FOTO: Britto Fotografia




O MELHOR Chopp!

O sabor perfeito
para tornar
seu **evento**
inesquecível.

Reserve já

 (54) 9 9168-8798

 Juvenal Martins de
Oliveira 36 - V. Rica



SEARA 
na Canção Gaúcha

QUANDO UM VERSO NÃO VAGA PERDIDO...

O Verso e a Melodia, grande campeã do ano passado, também recebeu o título de melhor letra, coroando o compositor Rodrigo Bauer como bicampeão da Seara da Canção Gaúcha

A história de como verso e melodia nascem pelas mãos dos seus autores. Em seguida, a união em dueto se transformando em um romance que culmina com a geração de uma composição musical.

Embalado nesta narrativa, o público da 22ª Seara da Canção Gaúcha presente na Acapesu no ano passado viu a milonga "O Verso e a Melodia" sagrar-se a grande campeã do festival.

Com letra do poeta Rodrigo Bauer e música de Felipe Goulart, a ganhadora da Linha Contemporânea Gaúcha trouxe ao palco um dueto de vozes masculina e feminina. Um representando o verso e outro a melodia.

- Quando estava criando a canção pensei em utilizar um cantor e uma cantora e

comecei a pensar que poderia criar um diálogo. Eu já tinha usado muitos motes neste sentido. E aí veio a ideia do verso conversando com a melodia e vice-versa – conta Bauer.

Neste caso, a composição foi se formando já com a ideia de quais intérpretes defenderiam a música. "Nós sabíamos exatamente quais intérpretes queríamos para a música e graças a Deus a agenda deles permitiu. Acabou que a gente teve a felicidade enorme de ganhar um festival tão importante como é a Seara" diz o compositor.

Pirisca Grecco foi o cantor escolhido para representar o verso. Tal qual um acorde que se encaixa com um poema, vencer a Seara coroa um vínculo familiar que Pirisca tem com o festival.

FOTGS: Brito Fotografia



Pirisca Grecco e Lu Schiavo defenderam a grande campeã

– A Seara permeou minha infância. Me tornar um cantor de Seara foi a realização de um sonho. E poder vencer uma edição do festival ultrapassou todas as minhas expectativas. Por onde vou eu bato no peito e falo que sou campeão da Seara – ressalta o intérprete.

Representando a melodia, a voz feminina escolhida foi Lu Schiavo. “É uma das músicas mais bonitas que já cantei, com certeza! Um tema que me toca muito e acredito que a todos que trabalham com música. O Rodrigo Bauer foi excepcional na letra e o Felipe Goulart corou tudo com

uma melodia impecável. É daquelas músicas que ‘entregam o recado’ com facilidade!”, relata a intérprete.

Lú Schiavo comemorou a parceria com Pírisca Grecco já que segundo ela, é um dos artistas gaúchos que mais admira. “Quando eu era mais jovem levei os CDs dele em um show para que ele autografasse para mim. Admiro muito a irreverência e a criatividade do trabalho dele, sempre acompanhei muito e foi uma honra e um aprendizado estar com ele no palco”, comenta a intérprete.



MELHOR LETRA, CAMPEÃO DE LINHA E MELHOR MÚSICA POR DOIS ANOS CONSECUTIVOS

Rodrigo Bauer, escreve poemas há muitos anos e já acumula mais de 70 prêmios em festivais de música. Tornou-se bicampeão consecutivo da Seara em 2023, quando também foi ganhador na Linha Contemporânea Gaúcha e premiado como melhor letra. Sensação que já havia vivenciado no ano anterior. Em 2022, com a música “O Tempo e o Vento”, Bauer foi campeão em sua Linha (neste caso a Nativista) e também premiado como melhor letra. A composição foi também a grande vencedora da 21ª Seara.

- Ganhar um festival tão importante como a Seara já é uma alegria, um motivo de orgulho muito grande. A Seara é um dos festivais mais tradicionais do nosso estado e tem se consolidado cada vez mais em uma lista bastante elitizada dos grandes festivais do Rio Grande do Sul. Então, obviamente que vencer por dois anos consecutivos é um feito muito expressivo na minha carreira e motivo de bastante orgulho. Este ano não estarei na Seara, por compromissos assumidos, mas meu filho Mateus estará representando a família e tenho certeza que muito bem – ressalta.

**CREDIBILIDADE E
COMPETÊNCIA
AO SEU LADO!**



📍 **AVENIDA PÁTRIA, 635 - EDIFÍCIO FLAMBOYANT - SALA 101
BAIRRO CENTRO / CARAZINHO-RS**

📞 **FONE/WHATS (54) 3330-1796**

📷 **PRISMAGESTAOCONTABIL**

EDIFÍCIO
CANDIDO 81
conveniência e bem-estar



Apartamentos de 02
dormitórios, *últimas*
unidades!

**CONHEÇA O
EMPREENHIMENTO**

Churrasqueira à carvão, salão de
festas, box de garagem de fácil
manobra, espaço coworking.



— COMERCIAL —
Venâncio 555



29 salas comerciais em
localização estratégica

LANÇAMENTO!

**CONHEÇA O
EMPREENHIMENTO**

10 salas comerciais no térreo com
amplo espaço de calçada, 19 salas
comerciais no segundo pavimento
em um ambiente tranquilo.





Semeando novas histórias

PATROCÍNIO



 **coqueiros**



 Seara da Canção Gaúcha   @searadacancaogaucha